

CAJUETICAMENTE FALANDO



slam caju

CAJUETICAMENTE FALANDO

slam caju



Diagrama
EDITORIAL

São Carlos, 2026

© 2026 Slam Caju

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização prévia dos autores.

Produção Editorial

Projeto gráfico • Revisão • Diagramação • Capa

Diagrama Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S631c Slam Caju

Cajueticamente falando [recurso eletrônico] / Slam Caju. - São Carlos : Diagrama Editorial, 2026.
111 p. : il. ; PDF ; 14 MB.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-86512-91-5 (PDF)

1. Slam. 2. Poesia falada. 3. Cultura periférica. 4. Memória coletiva. 5. Território. 6. Movimentos culturais. 7. Caju (Rio de Janeiro, RJ). I. Título

2026-4244

CDD 700
CDU 7

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Artes 700
2. Artes 7



Diagrama

E D I T O R I A L

Rua XV de Novembro, 2190, Centro

13560-240 - São Carlos, SP

Fone: 16 3413-9142

www.diagramaeditorial.com.br

***COLOCANDO O
CAJU NO MAPA
E MANDANDO
PAPO RETO
PRA TU!***

Slam Caju

(território, memória e invisibilidade)

POESIA JOSI DE PAULA

RETOMADA

Eu vim falar sobre a RETOMADA
Um processo lento
Que estamos vivendo
Mas sinto a brisa de NOVOS ventos
Vejo os meus IRMÃOS em constante movimento
Fazendo, fazendo e fazendo

Mas fazer não é o bastante
Temos que forçar a ruptura
SEM reproduzir o que nos aprisiona,
Pois só assim realmente moveremos a ESTRUTURA.
Um SOBE e PUXA o outro. Uma SOBE e PUXA a outra
Quero ver em ECO acontecendo
Não quero ver mais meus irmãos marcados
Pelas feridas do racismo
E, pra quem acredita em racismo reverso,
Vitimismo e outras lendas afins:
— Tô me lixando pra você!
— Eu só te aviso uma parada: a coisa tá ficando PRETA
— E vai cada vez mais ESCURECER

Eu vim falar sobre a RETOMADA
MUDAR os nomes de CADA parte dessa cidade
Ruas, pontes, calçadas.
Que MERCEDES BAPTISTA, no Largo da Prainha,
E MARIELLE FRANCO, no Buraco do Lume,
Deixem de ser a únicas MULHERES PRETAS que vemos em
ESTÁTUAS
Imagine o Aeroporto Internacional se chamando DANDARA!

Imagine a Ponte Rio-Niterói
Que tem nome de ditador: Presidente Costa e Silva

Imagina que LINDO
Ela se chamando PONTE CAROLINA
CAROLINA DE JESUS, nome que RELUZ
IORUBÁ e ouro negro
E que todos saibam desde a escola
Que MACHADO DE ASSIS, um dos MAIORES escritores
deste país,
Era PRETO
ASSIM como ANDRÉ REBOUÇAS engenheiro
E LIMA BARRETO
E ASSIM como ANTONIETA DE BARROS
Primeira deputada estadual NEGRA do Brasil
ELEITA no Sul em 1934

Existe uma lista extensa
Que foi apagada de PROPÓSITO
Será que foi deletada pelo COLONIZADOR?
Ou por aqueles que transformaram racismo em negócio?
Pra esses, o meu RECADO:
A firma tá FORTE
E NÃO tá aceitando sócios!

Eu vim falar sobre a RETOMADA
De ter de volta CADA grão que nos foi tirado
De TECER e ENTRELAÇAR as nossas REDES
Caminharmos lado a lado
FORTALECER nossos fazeres. DISSEMINAR nossos sabe-
res
RESGATAR nossa MEMÓRIA
REESCREVENDO linha a linha dos livros de História

Não é fácil! Não será fácil!
A dor que nos corrói deixa um vazio infinito.
Ela é sagaz em nos jogar pra baixo
E, pra piorar, entre nós mesmos
Existem VÁRIOS capitães do mato

Que ainda NÃO entenderam nada!
Deixe que morram a SECO
Vamos CANALIZAR nossa ENERGIA na VITÓRIA do POVO
PRETO!

Quando ela vai chegar por COMPLETO?
Eu adoraria, mas não tenho essa resposta!
O que eu posso dizer
É que, a cada MUDANÇA de postura e a cada AÇÃO,
Sim, vejo VITÓRIA.
Sendo CONSTRUÍDA a cada dia e a cada hora
E a cada vez que UBUNTU deixa de ser só da boca pra fora

Não percamos a ESPERANÇA.
A RETOMADA é um futuro CERTO
Será que a nossa GERAÇÃO vai ver isso de perto?
CONTINUEM remando, irmãos
E NÃO quebrem a corrente
E JAMAIS esqueçam
Que a mais FORTE RAIZ
Um dia também foi SEMENTE!

Josi de Paula é poeta, articuladora cultural e pós-graduanda em Política e Gestão Cultural (UFRB/MinC). Recita poesias em slams e saraus, já tendo participado de eventos como Mulheres Plurais, Palavra Líquida, Ler - Salão Carioca do Livro e Flup. Atuou na mobilização de recursos e produção do Campeonato Estadual de Poesia Falada do Rio de Janeiro - Slam RJ 2021. É idealizadora e produtora do Slam Negritude, projeto premiado com o Diploma Heloneida Studart 2020/2021 da Comissão de Cultura da Alerj. Tem um zine de poesias autorais, RETOMADA, e textos nas coletâneas Cartonera do escritório volume II, Luta de classes, da Coleção Slam e em livros de Ensino Médio da Editora Edebê e do grupo Somos Educação.

CAJU, CAJU
TERRA DE
MUITA POESIA
ALÉM DA VISTA,
AVISTAMOS
VIVEMOS ELA
TODO DIA

Jinaki Ketema



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 10

CAJU ANTES DA FRUTA

CAPÍTULO 2 13

NASCE O SLAM CAJU

CAPÍTULO 3 18

O COLETIVO VIRA ÁRVORE

CAPÍTULO 4 32

QUANDO A FRUTA COMEÇA A FALAR

CAPÍTULO 5 38

ANTOLOGIA VIVA DO SLAM CAJU





CAPÍTULO 6

75

CAJU NO MAPA

CAPÍTULO 7

81

O NOVO CIRCUITO

CAPÍTULO 8

88

TUM TÁ TÁ TUM TUM TUM TÁ

CAPÍTULO 9

97

O FUTURO CAJUÉTICO

CAPÍTULO 10

101

ARQUIVO VISUAL



CAJU ANTES DA FRUTA



O Caju sempre foi um bairro de passagem. Caminhões, carretas, trem, ônibus, navios e pessoas passam por ali diariamente, mas quase ninguém para. Durante muito tempo, o território foi tratado como a margem da margem, um espaço espremido entre o porto, os trilhos, os galpões, os muros e o esquecimento. Para grande parte da cidade, o Caju era apenas um nome visto pela janela do ônibus ou ouvido na

televisão quando alguém morre (Cemitério do Caju), um lugar citado, porém nunca verdadeiramente conhecido. Só que quem nasce ali aprende cedo uma certeza fundamental: mesmo quando o mundo não olha, o bairro continua resistindo e existindo de forma pulsante.

Ali, existe criança correndo na rua enquanto o rap toca no volume mais alto, mãe que volta cansada do trabalho e ainda encontra forças para perguntar se o filho já comeu, e uma efervescência cultural que abriga baile, samba, terreiro, igreja e o funk que atravessa a madrugada. O cheiro do asfalto quente se mistura com a maresia, e a memória preta, nordestina e favelada se faz presente em cada esquina. O Caju nunca foi vazio; o verdadeiro problema é que quase ninguém se importava em perguntar o que existia ali dentro.

Antes de o Slam Caju nascer oficialmente, o bairro já produzia poesia sem precisar de palco. Essa arte já estava viva na forma de sobreviver, nas conversas de esquina, nas frases pichadas nos muros, nas músicas que escapavam de caixas de som improvisadas, nas histórias contadas pelos mais velhos e nas revoltas guardadas pela juventude. A arte, portanto, já habitava o território; o que faltava era encontro poético, espaço e microfone. Em meio a tantos encontros com projetos sociais que vêm de fora do bairro, os jovens locais começaram a perceber que compartilhavam as mesmas perguntas, urgências e o desejo comum de criar algo coletivo. Não se tratava apenas de poesia falada, mas de presença, de ocupar as ruas e de construir memória em um lugar historicamente impedido de registrar a própria história.

O Slam Caju nasce justamente desse cruzamento entre a juventude periférica, a cultura hip-hop, a amizade, o improviso e a profunda necessidade de existir publicamente, transformando a vivência em linguagem, para mostrar que o Caju também pensa, escreve, cria, organiza e produz cultura. Mui-

to antes de se consolidar como coletivo, projeto cultural ou referência artística, o Slam Caju era uma tentativa. Foi uma experiência construída na coragem de fazer acontecer mesmo sem recursos, sem garantias e sem saber exatamente aonde aquilo chegaria. Talvez por isso tenha dado tão certo, afinal ele nunca nasceu como um produto, mas sim como sobrevivência cultural. Enquanto muitos espaços da cidade fechavam as portas para as juventudes periféricas, o Caju abria a sua roda de poesia. Enquanto tentavam resumir a favela à violência, os moradores transformaram o território em palco, provando que onde faltava investimento sobrava presença, e a presença muda o território.

Com o tempo, o que começou como uma batalha de poesia fincou raízes ainda mais profundas. Pessoas diferentes passaram a se encontrar através da arte, jovens começaram a escrever pela primeira vez, crianças descobriram a poesia perto de casa, e os moradores perceberam que a cultura é uma ferramenta poderosa de transformação cotidiana. O bairro finalmente começou a se reconhecer nas próprias palavras.

O mais importante nunca foi apenas vencer as batalhas de slam, mas perceber que, no meio de uma cidade que constantemente tenta apagar corpos periféricos, o Caju seguia produzindo voz. O Slam Caju não surgiu com a missão de salvar o bairro; surgiu porque aquele território já transbordava uma potência grande demais para continuar invisível. Para compreender o coletivo, é preciso entender que, muito antes de a fruta existir, a raiz já estava fincada lá.

NASCE O SLAM CAJU



O Slam Caju começou bem antes da primeira batalha. Ele ganhou vida quando alguns jovens do bairro entenderam que estavam cansados de consumir uma cultura que não espelhava o próprio território. Nasceu na vontade latente de criar alguma coisa no Caju e para o Caju, alimentado por conversas sobre hip-hop, poesias guardadas em silêncio, vídeos de slam assistidos na tela do celular e por aquela per-

gunta que atravessa quase toda juventude periférica que decide criar: “E se a gente fizer um desse na nossa comunidade?”.

O coletivo começou a se organizar no final de 2019, um momento em que ainda não existia certeza de nada, não havia recursos, estrutura ou experiência acumulada, apenas a disposição coletiva e o desejo profundo de ocupar a rua através da palavra.

Então veio o dia 6 de março de 2020. A primeira edição do Slam Caju aconteceu poucos dias antes de o mundo parar. A batalha foi organizada em homenagem ao Dia da Mulher e à memória de Marielle Franco, símbolo de luta política, resistência preta e potência periférica no Rio de Janeiro. A escolha do tema não foi aleatória; desde o início, o Slam Caju entendeu a poesia como uma ferramenta de posicionamento e memória. Não era só uma competição: era encontro, denúncia e afirmação de existência. Naquela primeira edição, ninguém imaginava que, uma semana depois, a pandemia da Covid-19 atravessaria o mundo e mudaria completamente a dinâmica da vida coletiva.

Foto 1. **Final da 1ª edição de 2020**



Fonte: Vitor Augusto – Vaugts (2020).

O que parecia ser o começo de um calendário de batalhas presenciais virou, de repente, uma incerteza absoluta. As ruas esvaziaram, os encontros desapareceram, e o medo virou rotina. Para os coletivos periféricos, o impacto foi ainda mais devastador, levando muitos projetos culturais a encerrarem suas atividades por falta de estrutura. O Slam Caju poderia ter acabado ali, mas alguma coisa insistia em permanecer viva. Mesmo em isolamento, a necessidade de falar continuava latente. A juventude continuava escrevendo, e o território seguia atravessado por medo, luto, revolta e sobrevivência. Por isso, parar completamente nunca pareceu uma opção real. As batalhas migraram para as redes sociais, e as lives, vídeos, reels e encontros online passaram a ocupar temporariamente o espaço que antes pertencia à rua. Era um processo estranho, afinal a poesia falada slam nasceu para a subjetividade do corpo, para o olho no olho e para o silêncio que antecede o aplauso; fazer slam olhando para uma câmera nunca seria a mesma coisa. Ainda assim, continuar existindo naquele momento já era uma forma de resistência. Foi também durante e após a pandemia que o coletivo compreendeu que o Slam Caju já não era apenas um evento isolado, mas um espaço real de pertencimento. As pessoas voltavam, comentavam, compartilhavam e mandavam mensagens, enquanto poetas de diferentes lugares passavam a reconhecer a força construída dentro do território.

Foto 2. Jurados da 1ª edição de 2022



Fonte: Comunicação FGL (2022).

Em algum momento, os integrantes perceberam que ouviam quase sempre a mesma frase de quem participava das edições: “O Slam Caju é um dos lugares bons de colar da cena”. Esse reconhecimento não vinha de uma estrutura grandiosa, mas sim da experiência que o coletivo construía, porque no Caju a poesia nunca aconteceu separada da vivência. Cada batalha carregava o território do Caju, a poesia carregava história, e cada edição transbordava improviso, afeto e sobrevivência coletiva.

O improviso, inclusive, sempre foi parte da identidade do Slam Caju. Faltava dinheiro, às vezes faltava equipamento, às vezes faltava quase tudo, menos a vontade. Talvez seja impossível lembrar qual foi o improviso mais absurdo já vivido, justamente porque improvisar acabou virando o método de sobrevivência cultural do grupo. Durante aquele período difícil, algumas pessoas sustentaram o projeto mesmo sem qualquer garantia de continuidade: Jinaki, Vitor, Katiaa, Julia Tavares e Ana Carolyn. A pandemia mudou trajetórias, afastou grande parte da equipe inicial e obrigou muitos coletivos periféricos a recomeçarem do zero, mas o Slam Caju permaneceu vivo. Quando as atividades presenciais retornaram em 2022,

o Slam Caju voltou diferente: mais forte, mais consciente do próprio impacto e ainda mais conectado ao território. As edições presenciais passaram a acontecer no Centro Cultural Casa Cajuína, um espaço parceiro fundamental nessa retomada. Foi ali que o Slam Caju começou a expandir de verdade suas raízes. A batalha deixou de ser o centro único das ações, e novos projetos começaram a brotar ao redor: oficinas, saraus, plantios, articulações culturais e movimentos de formação coletiva passaram a crescer juntos, exatamente como um cajueiro. Afinal, o Slam Caju nunca quis existir apenas como palco; ele nasceu para existir como movimento.

O COLETIVO VIRA ÁRVORE



Com o passar do tempo, o Slam Caju começou a entender uma coisa muito importante: ele já não cabia apenas dentro da ideia de uma batalha de poesia. A rua continuava sendo o centro, o microfone permanecia como símbolo, e a palavra seguia firme como ingrediente, mas alguma coisa muito maior estava crescendo ao redor disso tudo, fincando raízes profundas. O coletivo começou a perceber que as pessoas não chegavam apenas para competir; muitas vezes,

elas colavam para permanecer. Queriam conversar depois da batalha, pedir ajuda, compartilhar ideias e falar abertamente sobre o bairro, sobre arte, escola, racismo, sonhos e sobrevivência. O Slam Caju começou a virar um ponto de encontro, e, quando um encontro passa a produzir afeto e memória coletiva, ele deixa de ser apenas um evento para se tornar um movimento. Foi desse crescimento orgânico que nasceram os outros braços do coletivo não como projetos separados, mas como extensões naturais de uma mesma árvore.

Foto 3. **Coletivo Slam Caju**



Fonte: Coletivo Slam Caju (sem data).

Um desses braços fortes é o **Sarau Patrick Pachola**, que nasceu da necessidade de manter viva uma presença impossível de esquecer. Patrick era um dos crias da Favela do Nove Galo (Parque Conquista – Caju), um artista nato, vascaíno de coração e apaixonado por música, teatro e tudo que envolvesse arte. Ele ocupava os palcos com uma naturalidade impressionante, atuava em peças teatrais, era dançarino de quadrilha e carregava uma alegria difícil de traduzir em palavras, sorrindo como quem de fato acreditava na vida, mesmo no meio do caos. Quem o conheceu dificilmente esquece.

Foto 4. **Patrick Pachola**



Fonte: Foto retirada do Facebook (sem data).

A importância de Pachola para o Caju reside justamente aí: ele nunca foi tratado como um mártir ou como uma liderança política tradicional, mas sua existência carregava algo raro: a esperança. Em meio às durezas cotidianas do território, Patrick representava a possibilidade de continuar sonhando através da arte e a leveza que sobrevive mesmo em ambientes atravessados pela violência e pelo abandono urbano. Sua mãe, Francineth, relembra que desde criança ele era “muito carismático, brincalhão”, gostava de jogar bola, dançar festa junina, fazer teatro e estar cercado de amigos. Conta também que um dia ele chegou em casa dizendo, todo feliz: “Mãe, escolhi um apelido pra mim”, e assim nasceu o nome Pachola. Extrovertido, sempre reunia pessoas para conversar, contar histórias e fazer todo mundo rir. “Ele gostava de ver as pessoas juntas. Gostava de felicidade”, relembra. O sarau nasceu como homenagem, mas também como continuidade. Cada edição do Sarau Patrick Pachola resgata e celebra essa energia, reunindo música, poesia, teatro, dança, microfone aberto, encontros improvisados e afetos coletivos que transformam o espaço em uma celebração. Não se trata apenas de um evento cultural, mas de uma forma coletiva de dizer que o Patrick ainda permanece ali.

Foto 5. **Sarau Patrick Pachola – Revolução Cultural Cajuense 2**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Se a poesia foi a primeira semente do Slam Caju, as plantas vieram logo em seguida através do **Planta aê Caju**. O projeto nasceu muito antes de se tornar um esforço coletivo; ele começou como uma tentativa individual de sobrevivência emocional durante o isolamento da pandemia. Jinaki começou a plantar sozinho, e sua primeira experiência foi um pé de maracujá que acabou não vingando. Junto com a frustração da perda, vieram as memórias de sua avó falando sobre os cultivos que mantinha no quintal, e talvez tenha sido nesse instante que algo profundo começou a criar raiz. Mais tarde, morando em uma quitinete na Favela São Sebastião, ainda no Caju, o hábito de cuidar da terra virou rotina diária. Acima da pequena casa havia apenas uma caixa d'água acessada por uma escada improvisada, e foi exatamente naquele teto que nasceu uma pequena horta.

Sem planejamento técnico e sem saber com exatidão o que estava fazendo, o cultivo continuou apenas pela necessidade de se manter firme psicologicamente naquele período. Todos os dias surgia o mesmo ritual gravado para as redes sociais: “Olá, tudo bem? Bom dia. Tá começando mais um Horta na Laje com Jinaki”. O que começou quase como uma conversa

consigo mesmo acabou chamando a atenção do público na internet, e as dúvidas diárias sobre plantas transformaram a curiosidade em pesquisa, aprendizado e troca coletiva.

Foto 6. **Dave com seu primeiro plantio de abacateiro no Parque Alegria – Caju**



Fonte: (2022).

Durante esse processo, Jinaki se aproximou ainda mais de Dave (membro do coletivo), que também cultivava plantas em casa. Entre conversas sobre as favelas, o calor abafado, a ausência de árvores e as possibilidades de transformação comunitária, nasceu a pergunta: e se o bairro começasse a plantar junto? Dave apresentou caminhos possíveis dentro da comunidade Parque da Alegria, mostrando terrenos abandonados, experiências que haviam sido interrompidas por falta de verba e espaços onde seria possível fazer a vida brotar novamente. Foi aí que começaram as vaquinhas para comprar enxadas, cavadeiras e terra. As primeiras árvores plantadas foram pés

de jatobá e pitomba no Parque da Alegria; depois veio o primeiro cajueiro, plantado na Praça da Ladeira, bem perto do parquinho, local onde aconteceu o Slam Caju pela primeira vez. O cajueiro acabou sendo roubado, mas isso nunca impediu o avanço do projeto, porque o objetivo do Planta aê Caju sempre foi muito além de plantar árvores: era disputar e provocar a memória.

Foto 7. Dave e Jinaki no primeiro plantio de caju-anão no Parque Alegria – Caju



Fonte: Acervo pessoal (2022).

O próprio nome do projeto, idealizado por Dave, traz um duplo sentido certo: ao mesmo tempo que convida o território a plantar, convoca o retorno simbólico do fruto que dá nome ao lugar. Durante as ações, o coletivo encarou uma contradição dolorosa: o bairro chamado Caju quase não possui cajueiros. Historicamente, a região recebeu esse nome justamente pela imensa quantidade de pés de caju que existiam ali, mas, ao longo dos anos, a industrialização, a urbanização acelerada e os processos violentos de ocupação apagaram quase por completo essa presença natural. O nome permaneceu, porém as árvores sumiram, fazendo com que hoje a maioria das pessoas associe o Caju primeiramente ao cemitério.

O Planta aê Caju existe para transformar essa realidade, devolvendo significado ao nome do bairro. Em 2025, o coletivo lançou o desafio de plantar cinquenta pés de caju no bairro. Não conseguimos atingir a meta, mas isso nunca foi o mais importante; pois, das quinze árvores plantadas naquele ano, apenas três sobreviveram, evidenciando que o plantio nunca teve relação com as garantias de resultado, mas com o começo, a insistência e o ensino de que cuidar da terra também é uma forma de reconstruir o pertencimento local. Durante os mutirões, outra ausência gritante ficou clara: muitas crianças dali não tinham contato cotidiano com a educação ambiental ou com a natureza. Faltava convivência e cuidado; diante disso, o Planta aê Caju deixou de ser apenas um projeto de reflorestamento para se transformar em uma poderosa ferramenta de formação coletiva.

Foto 8. Telhado Jinaki e a horta na pandemia



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Essa sensibilidade com as infâncias também transformou a atuação do Slam Caju nas escolas do território. Jinaki, junto de

outros poetas da cena do Slam, como Monrá, frequentemente realizava atividades como o Caju, um artista construído dentro das ações culturais do coletivo. Em uma dessas ocasiões, o pedido singelo de um aluno ficou marcado na memória: “Tio, faz uma rima de novo”. O pedido parecia simples, mas dizia muito. Para aquela criança, a palavra “poesia” ainda soava como algo distante e formal, enquanto a “rima” fazia parte de um universo acessível, divertido e inteiramente possível. Naquele instante, ficou claro que o coletivo já estava plantando sementes preciosas na mente das crianças, mesmo quando a rima era simples ou engraçada, bastando aproximar “pão” de “sabão”, para arrancar sorrisos e espanto.

Foto 9 —



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

A verdadeira potência estava no encontro poético. As oficinas nunca tiveram a pretensão de ensinar apenas técnicas de escrita, mas sim de semear pertencimento, memória, coletividade, acolhimento e, acima de tudo, autoestima, que também é uma ferramenta política fundamental. Quando um território

rio periférico aprende a reconhecer sua própria beleza, sua cultura e sua linguagem, ele começa a enxergar e questionar tudo aquilo que a história tentou apagar. O Slam Caju entendeu muito cedo que a poesia falada funciona como uma ponte direta entre a juventude, o território e a consciência coletiva, principalmente em uma sociedade onde a grande mídia insiste em ignorar a potência cultural das favelas.

Com o tempo, tornou-se impossível enxergar o Slam Caju apenas como um slam de poesia. O grupo compreendeu que produzir cultura na periferia é, essencialmente, produzir movimento social. A linha que divide um “evento” de um “coletivo” mora exatamente nessa permanência: um evento simplesmente acontece e passa; um coletivo fica e cria raízes. O Slam Caju realiza suas edições, mas cada uma de suas ações carrega um posicionamento firme sobre o território, a memória, o futuro e os sonhos possíveis dentro da favela. Muitas vezes, o morador ou até mesmo o poeta não conseguem sintetizar em discursos tudo o que sentem pelo bairro, contudo eles reconhecem e sentem essa verdade quando ela acontece na rua. É dessa forma que o movimento cresce, em um efeito cascata onde um território inspira o outro, uma batalha fortalece a outra e um poeta impulsiona o próximo. Da mesma forma que o Slam Negritude influenciou diretamente a criação do Slam Caju, o coletivo agora estende seus galhos para influenciar outros movimentos periféricos pela cidade, afinal de contas um cajueiro nunca cresce sozinho: ele vive para espalhar raízes e sementes.



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

A Revolução Cultural Cajuense nasceu da necessidade de movimentar o território de forma coletiva, ocupando o bairro do Caju através da arte, da educação, da cultura e do encontro entre moradores. Mais do que um evento, a Revolução Cultural Cajuense se construiu como uma grande ação comunitária pensada para transformar o território em um espaço vivo de convivência, expressão artística e fortalecimento cultural.



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

O próprio nome “Revolução Cultural Cajuense” carrega um significado importante. Revolução porque acreditamos que a cultura transforma realidades, cria pertencimento e modifica a maneira como o bairro é enxergado por quem vive nele e também por quem vem de fora. Cultural porque entendemos a arte como ferramenta de mudança social, memória, educação e permanência. E Cajuense porque tudo nasce a partir do território, das pessoas, das vivências e das potências existentes dentro do próprio bairro do Caju.



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Durante o ano de 2025, o Coletivo Slam Caju realizou três edições da Revolução Cultural Cajuense. Cada edição reuniu diversas linguagens artísticas e ações comunitárias ao longo de aproximadamente seis horas de programação, ocupando o território de maneira intensa e coletiva. A proposta sempre foi construir um espaço aberto para diferentes públicos, aproximando crianças, jovens, adultos, artistas, moradores e coletivos do bairro.

As ações realizadas envolveram batalhas de poesia falada, saraus, oficinas, apresentações musicais, intervenções artísticas, microfone aberto, atividades para crianças e ações de reflorestamento urbano através do plantio de árvores no território. O plantio, inclusive, sempre foi entendido como símbolo importante dentro da Revolução Cultural Cajuense: plantar no bairro também significa acreditar no futuro dele.

Cada árvore plantada representa memória, continuidade, cuidado coletivo e permanência.

A terceira edição da Revolução Cultural Cajuense marcou um passo importante dentro dessa trajetória, sendo contemplada por edital da Fetaerj com apoio da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro. Esse reconhecimento fortaleceu ainda mais o projeto e possibilitou ampliar as ações culturais realizadas no evento. Nessa edição, além das atividades já construídas pelo coletivo, aconteceram apresentações musicais de diferentes estilos, incluindo um show de forró da banda Prado, um pocket show de MPB com a artista do coletivo Solar e também uma apresentação de rock da banda Café com Michael Douglas, ampliando ainda mais os diálogos entre linguagens artísticas dentro do território.

Foto 13 —



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

A Revolução Cultural Cajuense não nasce apenas para entreter. Ela nasce para construir memória coletiva, fortalecer vínculos comunitários e mostrar que o bairro do Caju produz arte, conhecimento, pensamento crítico e cultura viva. Em um território constantemente atravessado pelo abandono urbano e pela ausência de políticas culturais permanentes, ocu-

par as ruas com poesia, música, plantio, oficinas e encontros também se torna um ato político.

Durante algumas horas, o bairro deixa de ser apenas visto pelos estigmas que historicamente tentaram impor sobre ele e passa a ser centro cultural de si mesmo. Crianças brincam, jovens recitam, moradores se encontram, artistas se apresentam, árvores são plantadas e o território respira outras possibilidades de existência.

A Revolução Cultural Cajuense segue sendo a construção de um futuro coletivo onde o Caju possa continuar produzindo suas próprias narrativas, suas próprias referências e seus próprios movimentos culturais.

QUANDO A FRUTA COMEÇA A FALAR



O Slam Caju nunca produziu apenas eventos; ele sempre produziu voz, ou seja, frutos. Ao longo dos anos, o grito do slam passou por centenas de ouvidos, atravessou as mais diversas histórias e ouviu choros, risadas, revoltas, memórias, denúncias, paixões e silêncios. Algumas pessoas chegaram ali sem nunca ter escrito um único verso na vida;

outras colaram apenas para assistir. Havia quem mal conseguisse olhar para o público no início, mas que, pouco a pouco, começou a falar. Talvez porque exista algo profundamente transformador em finalmente perceber que alguém, do outro lado, quer de verdade ouvir aquilo que você tem a dizer.

Dentro do Slam Caju, a palavra nunca precisou pedir autorização nenhuma para existir. O coletivo entendeu muito cedo que a poesia falada não nasce da perfeição estética, mas sim da necessidade, a urgência vital de colocar para fora aquilo que o corpo já não consegue guardar sozinho. E talvez por isso o Slam Caju nunca tenha sido uma batalha presa a um único tema, por mais que existissem algumas edições temáticas. Os poemas sempre falaram sobre racismo, amor, violência, território, saúde mental, religião, ancestralidade, infância, luto, desejo, revolta, cotidiano, política e sobrevivência. Contudo, acima de todas essas pautas, existia um tema que sempre se impunha com mais força: a própria vivência.

Foto 14. **Monrá 1ª edição 2023**



Fonte: Comunicação Fundação Gol de Letra (2023).

O foco do Slam Caju sempre foi o trabalho autoral, a experiência pessoal, a memória individual, a dor que atravessa o peito, a alegria que resiste em meios a tanto caos, e a palavra que precisava nascer. Cada poeta que subia no palco carregava um universo inteiro dentro do próprio peito, e a maior força do coletivo foi justamente permitir que essas diferentes vozes coexistissem sem a obrigação de caber dentro de uma única estética ou narrativa.

Ao longo dessa trajetória, mais de 85 poetas passaram pela batalha entre 2020 e 2026. Alguns participaram apenas uma vez, outros viraram presença constante; alguns se aposentaram da cena, enquanto outros começaram ali e seguem escrevendo até hoje. Todos, sem exceção, deixaram sua marca, afinal um slam nunca é feito apenas por quem organiza, mas principalmente por quem decide falar. Entre tantos nomes, alguns se tornaram recorrentes na memória coletiva do território. Um deles foi Monrá, hoje reconhecido como o poeta que mais participou das edições do Slam Caju, mantendo uma assiduidade firme ao longo dos anos até a sua aposentadoria das competições em 2025, após a Copa Slam Caju Imperial.

Ainda assim, é impossível apontar um único poeta como o mais marcante, pois o impacto sempre aconteceu de formas muito diversas: às vezes através de um poema específico, de uma apresentação inesquecível ou simplesmente pela coragem de alguém subir ao palco pela primeira vez. No Slam Caju, amassar no microfone nunca significou apenas performar bem, significava fazer o público sentir alguma coisa. E, muitas vezes, isso acontecia de maneira completamente imprevisível.

Foto 15. 1ª edição 2023



Fonte: Comunicação Fundação Gol de Letra (2023).

Um exemplo disso foi o dia em que a luz voltou, um dos momentos mais simbólicos da trajetória do coletivo, vivido em 2023. Naquele ano, o grupo ainda atravessava o processo de reconstrução pós-pandemia; as batalhas estavam retomando sua força, o público voltava a ocupar os espaços presenciais, e uma sensação coletiva de recomeço pairava sobre cada edição. Foi nesse contexto que aconteceu a seletiva histórica vencida por Tavares, o primeiro poeta campeão da primeira batalha de poesia falada do bairro. A batalha rolou na Fundação Gol de Letra, dentro do espaço do Centro Cultural Casa Cajuína, bem no intervalo das atividades do pré-vestibular. Os alunos saíam das salas para assistir às apresentações, misturando o cotidiano de estudo e a poesia falada dentro do mesmo ambiente. Naquele dia, apenas dois poetas competiram: Tavares e Monrá. Mas, mesmo com poucos participantes, havia algo naquela edição que a fazia vibrar de maneira diferente. Tavares já carregava uma relação íntima com o Slam Caju. Ele é irmão de Julia Tavares, uma das pessoas fundamentais na construção inicial do coletivo e morava justamente na casa onde o

projeto deu seus primeiros passos. Era como se a sua própria trajetória estivesse entrelaçada com a história da batalha desde o começo. Foi então que o inesperado aconteceu: bem no meio de uma das poesias de Tavares, a luz acabou. Uma queda de energia apagou a comunidade inteira, mergulhando o espaço no escuro total. Tavares, no entanto, não parou. Ele continuou recitando na escuridão, enquanto o público, em um movimento espontâneo, acendia os flashes dos celulares para acompanhar a apresentação. Entre luzes improvisadas, o silêncio atento do público e a voz firme atravessando a fundação, a poesia se manteve viva. No instante exato em que Tavares terminou de recitar o seu último verso, a luz voltou.

Foto 16. **Tavares 1ª edição 2023**



Fonte: Comunicação Fundação Gol de Letra (2023).

O momento virou símbolo instantaneamente; parecia que o local inteiro tinha respirado junto. Naquele dia, o Slam Caju consagrava seu primeiro campeão morador do próprio território. Mais do que vencer uma seletiva, Tavares trazia consigo a certeza de que o Caju finalmente começava a ocupar um espaço de destaque na cena de poesia falada do Rio de Janeiro.

E a caminhada não terminou ali. No Campeonato Estadual de Poesia Falada, a torcida do Caju chegou junto: amigos, moradores e apoiadores acompanharam cada etapa da competição como quem defendia muito mais do que um representante individual. Tavares não carregava apenas o seu nome, carregava o nome do bairro.

Foto 17. **Tavares e Preta Poética Seletiva Slam Caju – Slam RJ 2023**



Fonte: Comunicação Fundação Gol de Letra (2023).

Naquele ano, ele se tornou o primeiro representante do Caju a alcançar a final estadual de poesia falada no Rio de Janeiro. Ele não conquistou a vaga para o nacional, mas o impacto principal já estava consolidado: o nome do Caju foi para outro local, e muita gente na cidade ouviu, pela primeira vez, que existia um território produzindo poesia de altíssima potência bem ali. Talvez seja justamente este o maior legado do Slam Caju ao longo dos anos: mais do que formar poetas, ele constrói memória coletiva. Cada pessoa que passou pelo microfone deixou um pedaço de si na história, e cada poema escrito ajudou a erguer um arquivo afetivo do território, transformando vivências individuais em patrimônio compartilhado.

ANTOLOGIA VIVA DO SLAM CAJU

CAJUETICAMENTE FALANDO



As próximas páginas não são apenas um compilado de versos soltos. Elas formam um registro vivo de algumas pessoas que atravessaram o Coletivo Slam Caju e

ajudaram a pavimentar, com palavra, presença e afeto, a história inesquecível dessa caminhada.

Cada poeta aqui perfilado carrega consigo um território, uma memória, uma ferida aberta, uma revolta engasgada, um sonho teimoso e uma forma muito particular de enxergar o mundo. Alguns chegaram pelo calor das batalhas, outros pelas portas das oficinas, nos saraus, nas rodas culturais ou nos encontros imprevistos da vida. Mas todos, sem exceção, deixaram suas marcas cravadas nessa grande construção coletiva que chamamos de poesia falada.

Esses textos revelam aquilo que, muitas vezes, as lentes das câmeras não conseguem captar na agitação dos eventos: a respiração ofegante antes de subir ao palco, o peso que o corpo carrega depois que o microfone é desligado, os medos, as urgências, os amores, as violências cotidianas e os futuros que a periferia insiste em imaginar e reivindicar. Mais do que performers de palco, esses artistas são verdadeiros arquivos vivos. Arquivos de seus bairros, de suas famílias, de suas ancestralidades e das ruas que cruzam todos os dias. São pessoas que dominam a alquimia de transformar a dura experiência em linguagem, o silêncio histórico em grito, e a palavra falada em permanência. Aqui, a poesia não tem espaço para ser tratada como enfeite. Ela irrompe como uma das mais poderosas ferramentas das lutas sociais. Cada verso declamado na praça é, no fundo, uma trincheira. Quando a juventude periférica pega o microfone, ela disputa ativamente a narrativa da cidade, vocalizando o combate diário contra o racismo, a desigualdade, o apagamento histórico e as diversas violências do Estado. A arte, nesse contexto, surge como denúncia cortante, como sobrevivência, como resgate de memória, como tecnologia de educação e como combustível vital para os movimentos de resistência.

Nesta antologia habitam poetas que já pisaram em palcos estaduais e nacionais, que ecoaram em escolas, museus, universidades e grandes festivais da cidade. Ao lado deles estão aqueles que acabaram de segurar o microfone pela primeira vez. O que une essas trajetórias de ponta a ponta é a certeza inabalável de que o Slam de poesia tem a força para mover estruturas e rasgar novos caminhos para quem vem logo atrás. É preciso registrar, no entanto com o mais absoluto respeito e reverência, que este livro é apenas um recorte, uma fotografia de um movimento vasto e incontrolável. Existem muitos outros poetas, oficinairos, organizadores e artistas que não estão com seus textos impressos nestas páginas, mas que são monumentais para a história do Slam Caju. Pessoas que fortaleceram a roda de poesia e que ergueram os alicerces do que somos hoje. Suas vozes continuam vibrando em cada roda de poesia que abrimos, e o suor de cada um deles pavimenta o chão que pisamos. Este livro e toda essa caminhada também pertencem a eles.

Por isso, esta parte da obra funciona, acima de tudo, como um arquivo documental da nossa cena. Um registro pulsante das vozes que ajudaram e continuam ajudando a “colocar o Caju no mapa” através do poder transformador e político da palavra.

Nas páginas a seguir, cada artista é apresentado da forma mais essencial, direta e potente possível: com sua poesia, seu título e sua trajetória. Porque, no fim das contas, muito antes de qualquer troféu, campeonato ou pódio, o que realmente permanece é a poesia.

SOLAR SERENA

MEU BRASIL BRASILEIRO

Brasil

Meu Brasil brasileiro

Onde o tiro

É quem me acha primeiro

Que fala perdido sendo certo

E na escola eu sou procurado

No alto do morro eu sou confundido de novo

Impedido de dar meus primeiros passos

Tanta fome

Que fome virou um sentimento

Que te corrói por dentro

E te ameaça pelos lados

Brasil

Que favela fiz morada

Meu lazer é caixa d'água

E meus sonhos

são deixados de lado

Eu sobrevivo

E vivo me mantenho

Sem viver meus pensamentos

Sem conquistar nenhum espaço

Excluído

Executado

De tantas formas

os meus sonhos são assassinados pelo trabalho

Onde o meu esforço é em vão

Mal consigo garantir meu pão

Afinal, estarei vivendo como os meus antepassados?

O pobre não pode ter ideal nobre

E, assim, vários menor na rua está a permanecer

Onde quem é cego vê

Quem enxerga crê

E o chão é impossível de se mover
Do pau-brasil
O meu sangue é derramado
E com pano transparente
Eles atiram de olhos vendados
Brasil, meu Brasil brasileiro
Onde o tiro é certo
E me mata primeiro.

Foto 18. **Solar Serena**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Nascida e criada na comunidade do Caju, Solar Serena é cantora, musicista, poetisa, compositora, apresentadora do Coletivo Slam Caju e professora da educação infantil. Começou sua carreira aos 15 anos, apresentando-se em rodas culturais dentro de seu território. Sua história na arte começou na música, que é uma paixão desde que ela se entendeu como pessoa. Ela espera transformar a sociedade através da docência e acredita que a arte direciona e salva vidas.

DAVE BRASKINOV TEN

MEU LUGAR

Eu Já conhecia o mangue
Muito antes de falarem dele.
Água salgada, lama até o joelho,
O fedor dos marginalizados que lá vivem

Conheci o meu lugar pela putrefação.
O cheiro indigesto.
Meus irmãos com pinças no lugar das mãos
Não sabem escrever manifestos.

Suas garras feitas pra arrancar a carne,
No lugar onde tudo se alimenta de tudo.
Que a luz que adentra a floresta
Brilha mais do que os olhos das crianças.
Onde os troncos retorcidos infelizmente não protegem,
E os caranguejos se aprisionam neles como grades.

E se mantêm na lama para não prestar atenção,
No compasso desse protesto,
Antenas de transmissão
Fincadas na lama para a anunciação.
O grito abafado dos peixes. Srs. caranguejos...
Que, envergonhados, andam de lado para não se tornarem os
próximos suspeitos

Sendo observados pelos pescadores que nesse lugar vivem
Meus camaradas caranguejos se escondem em buracos e,
quando presos nas planícies,
Nada vive
O sal rasga a pele
A indignação é tão gritante, que transforma a esperança em
um purgante

A putrefação retorna
saberes e odores
os fluidos malévolos
A estranheza que gera repulsa

Eu conheço o mangue muito antes de falarem dele
Esse lugar é muito mais semelhante aos nossos olhos do que
você imaginam

Ele já foi lindo, limpo, de nutrir o mar e frutificar o oceano
O mangue
Das suas sementes chegarem no tão e tão distante
De proteger as praias das ondas fortes e das
Tempestades dissonantes

Sim, o mangue
Seus braços de florestas exuberantes
Com raízes aéreas que se prendem ao solo de maneira única,
troncos escarlates
Onde nasce tanta vida pulsante

Esse é o verdadeiro mangue
Resistência mangue
Cultura mangue
História mangue
Proteção ao meu, ao seu, ao nosso mangue.

Foto 19. Davi Araujo de Lima



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Davi Araujo de Lima, 26 anos, artista, estudante de Oceanografia pela UERJ, integrante do Coletivo Slam Caju e articulador comunitário do bairro do Caju. Atua na interseção entre território, ciência, educação ambiental e arte periférica, utilizando a poesia como ferramenta de denúncia, pertencimento e transformação social.

NEEK ESSENCIAL

Água fresca; luz solar; ar puro
Qualidades essenciais para a vida humana na Terra.
Ouso acrescentar: água fresca; luz solar; ar puro; tempo
Sem tempo o ser humano vive, mas não envelhece
Fica estagnado, estático, imóvel, petrificado numa aparência
eterna
Características notórias de quem está morto
Mas o que nos vale o nosso tempo?
Estagnado, estático, imóvel, petrificado e morto
o homem segue a sua rotina a troco de um troco
Na apatia, desperdiça vida no início de um novo dia, em nome
de quê mesmo?
Ah, quase me esqueci...
Água fresca; luz solar; ar puro; tempo; alimento
Não me ocorreu, no início, hierarquizar as necessidades básicas
do ser humano, mas esse
último tópico isenta qualquer outro
Por alimento, o homem abre mão do tempo, se priva de ar
puro e luz solar, mal sacia o sono
em seu lar, e desperdiça vida na manhã de um novo dia. Sobre-
bra-lhe a água fresca, nas
águas sagradas da pia. Se for cidadão de Guanabara, ainda lhe
resta a Baía.
Enganei-me, meu perdão, sem tempo o ser humano não vive,
mas envelhece. Mais rápido,
por sinal. Mais cedo deixa de aproveitar o Carnaval. Sem o
tempo é que essa situação se
inverte. Mas isso é história para outros carnavais, a questão
agora é que, ao longo da
história, a humanidade pregou a destruição para abastecer
cada geração, que, por ironia do
Universo, ou não, se via cada vez mais em falta das seguintes
regalias

Ar puro; água fresca; luz solar; tempo e alimento
Esse último dispensa apresentação.
Ao contrário de mim, ocorreu à humanidade hierarquizar a
vida na Terra, remoldando-a
plana e triangular, e definindo como habitantes do “entensís-
sissimo” polo norte somente
aqueles a quem eram reservadas as escassas matérias-primas
disponíveis à primazia e
primavera na terra parda orbicular. Como se trata de cinco
requisitos para cada ser
vivo ali residente, seriam necessários outros cinco seres vivos
das zonas baixas e tropicais
para lhes garantir a existência. Assim, chegaram à conclusão
óbvia: pobres precisam ter
filhos. Eu não elencaria o sexo como necessidade primordial
da vida por esse motivo. Seria
só mais um material pendurado à nossa fuça manipulada por
uma vareta acima de nossas
cabeças e dispondo o que devemos buscar, mas nunca alcan-
çar. Só mais um tópico para
quem vive acima dos trópicos a quem deveríamos servir e sa-
ciar se quiséssemos
Ar; água; luz solar
Ou simplesmente nos alimentar
O tempo por eles foi chamado ócio, para que lhe tirassem o
título e o fardo de ser uma
demanda essencial do homem e para que continuássemos
perseguindo aquela vareta com
fé. Até porque, para obter tempo, não precisávamos servir-
-lhes, né?
E, já que agora não temos pureza no ar, passamos a nos escond-
er do sol e a água fresca
começa a faltar, com muito esforço nos resta correr atrás ape-
nas do pão. Difícil é enxergar
o fio de nylon que pende os nossos anseios, ou notar a vareta
acima das nossas cabeças

Neek é um jovem afro-indígena trans masculino da Zona Norte carioca. Iniciou sua trajetória artística aos 6 anos através da música, passando também pelo teatro, audiovisual e consolidando sua atuação na cena da poesia falada. É fundador da OS Trupe Artevista e do Slam do Emocionado, e organizador da Roda Cultural Verso em Quadra, projeto que conecta esporte, hip-hop e literatura periférica. Neek também foi campeão da Liga Slam Caju, tornando-se o primeiro poeta campeão do novo circuito.

JATOBÁ UNIÃO

2020 primeiro semestre,
Seu mestre foi o desespero terrestre da pandemia,
A revolução se constrói no dia a dia,
Fazendo poesia sem saliva,
Hip-hop é união, rap resistência viva,
Sempre na ativa, sempre inquieto,
Segundo semestre, Sementes de Afeto,
De fato enraizado, meu próprio projeto,
Desacreditado, mas esperto,
Desde menor semeando o papo reto,
Amor pro morador sem-teto,
Brinquedo pras criança,
Comida e roupa limpa,
Se pá isso que é a esperança
Que nós precisava,
Todo mundo tinha só o que usava,
Tava geral sem trava, cavando a utopia,
RapLab terça e quinta só brota os cria,
Barriga vazia aqui nunca mais,
Nem mesmo quando botaram o arroz a 30 reais,
Sempre foi nós por nós,
Geral protagonizando a própria voz,
E, logo após o back,
Sem poder sair pra fazer bico,
Os mano tão “dibrando ” a fome tipo “todos no ataque”,
E os boy querendo ir pra praia tão fazendo bico,
Atividade no beco se os homi brechá,
A bala vai comer e a porrada vai lambrar,
Só pra lembrar que o racismo não descansa,
Ele só ver cor de pele, então também mata criança,
Cadê a esperança?
Tamo esperando até agora,
São mais 23 minutos e outro mano na degola,

Tá foda engolir a merda que esses merda diz,
Não é despreparo, não foi um erro,
A missão desses canalha
É levar outro preto pro enterro,
Esse é o desespero,
Quantos João Pedro
Tão morrendo de medo?
Indo muito cedo, morrendo de fato,
Tanto por excesso de tiro
Quanto por escassez de comida no prato,
Quem paga o pato nunca é quem nos suga,
Então sempre se queixe,
É quem tem a nota azul da tartaruga,
Não a do peixe,
Deixe de acreditar em conto de fada,
Elas não recolhem teu dente
Elas te dão uma dentada,
Então não deixe sua coroa
Desolada, desorientada ou desapontada,
Aprontar dá mais malote,
É que o holofote te faz sentir forte,
Mas quando tu tá na merda
Quem dá o suporte?
Então não se importe em trajar importado,
Cheio de marra, mas é comportado,
Compra coisa pra caralho,
Tá com o armário lotado...
Mas pra comprar comida
Tá com dinheiro contado,
Cês vão ser cortado tipo a verba das escola,
Ou tu nasce rico, ou tu nasce bom de bola,
Eles te explora e tu parece
Que implora pra continuar,
É a rotina da servidão voluntária,
Vamo lutar contra essa gente otária
Que se acha ilustre

E demonstra amor pelo Ustra,
Eu sou uma ostra que chora
E escreve pérolas,
Cês prende os animais nas cédulas
Porque sabe que nós não tem valor,
É que nós se descolou da raiz
E agora tá enterrado,
Quem diz “vai ser sempre assim”
Se acostumou com o errado,
Mas calma, não há problema,
Eles te aliena pela antena
Que tu assiste o Datena narrando operação
Como se fosse futebol e Galvão,
A sua conformação é a minha confirmação,
O medo é metodologia...
Então segura a mão
De quem se desespera e diz espera,
Não cai na balela de quem finge te ajudar,
Desde menorzin eles tenta nos controlar,
Lá na escola... a aura dessa aula é opressora,
Porra, professora, eu confesso,
Não me interesse por essa tensão,
Então não dou atenção,
Tu disse pro moleque inseguro
Que ele não tinha futuro,
Então agora me segura,
Eu sou a literatura em ação,
O popular proibidão ainda tá no meu poema,
Seguindo os lema de Tupac
Eu sou mais um hacker do sistema,
E não passa nem wi-fi,
Hip-hop é união e não existe stand by,
Foda-se o hype, mano,
Quantas vezes eu vou ter que repetir?
Hip-hop é união, não é sobre competir,
Essa é minha noção de reexistir

Jatobá é artista múltiplo: escritor, poeta, ator, rapper, roteirista, comediante, arte-educador, produtor cultural, empreendedor social, filósofo, ativista ambiental e vendedor ambulante. É idealizador e gestor da ONG Sementes de Afeto, que atua com diversos projetos voltados para cultura, assistência social e fortalecimento comunitário através da arte. Bicampeão anual do Slam Caju, Jatobá marcou sua trajetória no Caju sendo o poeta com mais títulos anuais no antigo formato do circuito.

Foto 20. Jatobá



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

NAJU GAMA

ESCREVO COM A ALMA

Escrevo com a alma,
mas quando recito eu entrego meu coração.
Cada sílaba pulsa, cada rima tem intenção,
meu peito vira palco, minha dor vira canção.

Não peço salvação,
não busco redenção —
só quero que sinta
o peso da emoção.

Caneta é bisturi que corta o tempo,
verso é cicatriz que sangra lento,
e se poesia é crime, tô no flagrante,
traficando sentimento a cada estrofe muito mais que vibrante.

Minha mente é o estúdio,
meu peito é microfone,
no slam, sou ritual —
não um nome, mas um totem.

Não escrevo por aplauso nem por fama,
meu verso é lenha viva que se inflama.
Sou griot do agora,
voz que não se cala,
garganta que não estoura,
mas berra feito bala.

Tem noite que escrevo sem ver letra,
só lágrima pingando no papel.
Tem verso que me queima feito brasa,
mas lanço mesmo assim, de forma fiel.

Carrego histórias que não são só minhas,
tem dor ancestral no meu refrão.
Eu sou o eco das linhas,
sou reza, ferida e oração.

Tem gente que escuta e diz “que bonito”,
mas bonito é quando cura,
quando atravessa o infinito
e encontra outra alma que também procura.

Se minha voz treme, é por emoção,
não é medo, é vibração.
É que cada palavra que disparo no ar
carrega um pedaço do meu pulmão.

Vejo olhos marejando
quando lanço a confissão:
“Escrevo com a alma,
mas quando recito eu entrego meu coração.”

Se me perguntam por que grito,
é que a palavra em mim não cabe.
Não sou poeta de mito —
sou quem rima o que arde.

Transformo dor em arte,
silêncio em combustão.
Na dúvida entre partir ou ficar,
eu escrevo a salvação.

E se um dia faltar ar,
mas eu tiver papel na mão,
vão ver que, mesmo sem voz,
a poesia é meu pulmão.

Foto 21. **Naju Gama**



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Naju Gama é escritora, poeta, atriz e idealizadora do coletivo Vozes da Margem. Cria do Piscinão de Ramos, no Complexo da Maré, é graduanda em Letras — Português/Espanhol pela UFRJ. Atua profissionalmente na cena literária periférica desde 2022, participando de slams, saraus, bienais e eventos culturais. É autora de *Essencial ao coração* (2022), *Sentir* (2024) e *Eu sinto muito!* (2025). Atualmente ocupa o posto de terceira melhor poeta do estado do Rio de Janeiro através do Slam RJ Edição 2025, representando o Slam Caju, onde também foi vice-campeã da Liga Slam Caju e Campeã da Seletiva Slam - Slam RJ 2025.

DAMAS

IMPORTÂNCIA

Por que me quer tão bem agora?
Talvez seja poético ou então intensivo de dizer.
Por que me quer tão bem agora?
Eles repetiam, me olhando e julgando pelo prazer.
Mas o prazer de ter, matar, deixar tudo eu mesmo fazer.
Enquanto eu bebia mais essa cerveja comigo.
Talvez eu me expresse melhor com essas poesias.
Mamãe disse que eu devia arranjar outra coisa se queria ficar rico.
Mas, mãe, eu não acredito em meritocracia.
Olha a senhora, tão estudada e afogada em dívidas.
Pior seria se essa porra eu não levasse na risca.
Eu escrevo calado pra dar a volta por cima.

Ainda amo meu primo, isso é fato.
Mesmo que mude, olhe esses versos, eu vou ser tão julgado.
Memórias sombrias de um verão passado.
Ainda tenho nossas fotos penduradas no meu quarto.
Críticas feitas no silêncio, mano, eu só quero rimar.
Disseram para soltar barras, mano, se silenciar.
Quis falar sobre depressão, porque era algo que eu entendia.
Ontem à noite lutei pela sobrevivência da minha vida.
Com a faca e o queijo na mão, deixei o queijo de lado.
A faca era tão atraente, até ver o meu reflexo.
E, quando eu tava doente, percebi por tanto tempo.
Cada risada no hospital, por então ser um lamento.
Internado, eu precisava abdicar de minhas loucuras.
Amanhã já é segunda, eu preciso estudar.
Pra que saber raiz de delta?
Essa UERJ vai me cobrar.
Tipo que X igual $-B$ mais ou menos raiz de delta sobre $2A$.

Tipo que Força igual à massa vezes a aceleração?
Tipo que as leis de Newton funcionam nesse mundão.
Onde deveriam ter leis por mais que eles digam que não.
Onde não importa o presente, o passado e a solidão.
É que eu estudo tantas fórmulas, mas me diga: pra que isso?
Não quero fórmula de livro, quero fórmula de estar vivo.
Mas porque dessa merda que você escuta não me salvar.
Eu ainda busco e ainda quero me expressar.
Mas, mano, por que eu ainda ouço tanto grito?
Por que essa poesia não resolveu meus demônios?
Será que no final de tudo eu só sirvo pra isso?
Eles me pararam e quiseram falar sobre sonhos.
Se eu falo dos meus sonhos, isso se torna deprimente.
Eu sempre quis fazer o bem, mas critique sua corrente.
Eu amo todos, mas não me amo igualmente.
Eu odeio essa porra e me sinto carente.
Eu não explico meus versos, sinceramente.
Vai de interpretação sobre o que se diz e vê.
Disseram que faltou crítica em todas as minhas poesias.
Desculpa, eu não busco criticar tanto, mas eu também tenho
algumas metas.
Até porque geral quer saber da poesia, mas quantos querem
saber do poeta?

Foto 22. **Damas**



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Bruno Damasceno, artisticamente conhecido como Damas, é poeta e compositor cria do bairro do Caju e da Favela Parque Alegria. Neto de poetisa e filho de professora, cresceu cercado por palavras, música e escolas. Participou do Slam Caju pela primeira vez aos 15 anos e tornou-se um dos poetas mais jovens da edição de 2025, coroando com a premiação Sementinha Cajuense. Suas poesias carregam forte sinceridade emocional, abordando saúde mental, afetos, conflitos internos e juventude periférica.

ATHENA

O QUE É O AMOR

Bendito seja o dia em que Arlindo Cruz compôs que: “Se perguntar o que é o amor pra mim
Não sei responder, não sei explicar”
Mas eu, letróloga que só, tentei pensar em palavras pra sintetizar a fusão do nosso olhar, que sem letra alguma consegue conjugar o verbo amar.

Porque, de tanto falar de amor, a galera começou a me perguntar: o que é amar? Como tu fala tanto de se apaixonar?
E até hoje é no seu nome que eu consigo pensar.
Porque, com você, eu aprendi que sentimento assim a gente conjuga, é ação conjunta, e dá saudade mesmo com a vida agitada de segunda a segunda.

Então eu sempre falo que amor, pra mim,
É ser sensível, sentida
Ouvido, ouvida
E muito mais que qualquer lírica.

É entender que, mesmo nas idas e vindas da vida,
Ponto pode ser vírgula.

Realmente, só entendi o que é o amor quando fui amada pela primeira vez na vida
E me tornei amante-amiga
Fui Musa, e não só poetisa
E descobri que afeto é mais que ser consumida.

Então, se perguntar o que é o amor pra mim
Vou te responder cada texto que escrevi,
Cada verso que ouvi
Da arte dos encontros que vivi,

com cada um que divide comigo o pódio, o ódio em que me encontro e me desmonto no fim do ócio.

Aqueles que me viram como humana antes da escrita,
E como aquela que sente além da arte e da poesia.

Se perguntar o que é o amor pra mim
vou falar de cada relato de dor
Das vezes em que as palavras me salvaram do ardor
De tudo que é real, leal, e do que já me fez mal.

Vou falar de muito mais do que qualquer igual, mas das diferenças dos que conheço, me apaixono, e anseio
o toque,
Carinho,
Afeto,
Ação.

Quanto do teu afeto é mais que emoção? Quanto do teu afeto vira ação?

Eu falo da afeição e quero a comoção da conexão, e fazer do amar uma salvação.

Porque, se perguntar o que é o amor pra mim,
Vou te responder que é aquilo que não nos foi pensado, e nos é o tempo todo negado,
mas, como amar exige força de trabalho,
Ele é mais que direito, é operário.

Então, que cada verso desse seja didático,
Revolucionário,
E consigamos nos dar ao luxo de sermos frágeis,

humanos,
amados,

nos reconhecendo no abraço,
arte,
Dor,
Ardor,
Do encontro.

E assim nos encontremos na ação da afetação.

Porque, se perguntar o que é o amor pra mim,
Vou responder que
É a junção do que nos faz humanos, e não só numeração.
é mais que interação ou paixão
É política,
Construção.

É o ponto-chave da revolução.

Foto 23. **Athena**



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Athena, também conhecida como Josi, é multiartista, poetisa, pesquisadora, artista plástica e fotógrafa. Graduada em Letras pela UFRRJ, nasceu na Baixada Fluminense e atualmente reside na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sua produção atravessa literatura, artes visuais e performance, marcando presença em slams, saraus e espaços culturais através de uma poesia que articula afeto, política, humanidade e transformação social. Dentro do bairro do Caju, foi uma das poetisas que mais marcou presença na edição da Liga Slam Caju no ano de 2025, sendo a 5ª melhor poeta do ano.

MONRÁ

8 ANOS

Durante 8 anos
Realizei sonhos
Concretizei planos
Quando recitei poesia falada
Na sua quebrada
Seja na escola
Do teu bairro
No teu slam
No teu sarau
Na tua roda cultural
Já recitei presencial
Pra TV
Grito Filmes e Bienal
Na real
Fiz minha carreira
Na poesia
Recitando
Nos slams online
Abandonei o campo de barro
E fiz dois eventos culturais
Dentro do meu bairro
Aliás...
Eu sou do bairro dos arcos
Onde o slam da Lapa
Faz seu palco
Até porque o sarau
Ou mesmo a roda cultural
Não é rolê
É preciso ser
Responsável
Pra poder fazer
E pode crê

Tipo aquela faixa do Jotapê
Sou mais um “mano underground”
Dentro da cena de poesia falada
Que recitando na rua faz alarde
Também sou
Um menô cheio de sonho
Escrevo, recito, produzo
Componho
Rezo pra que as notas
Do bloco de notas
Se tornem notas em bloco
Na conta do banco
Pra deixar a minha família bem
No bolso ter as notas de cem
E nessa vida loka
Ir bem mais além
Realizando planos
Concretizando sonhos
Sem precisar pisar
Em ninguém
Sem ferir ninguém
Com falou o Febem
Aqui eu joguei o jogo
Mas me diverti também
E pensando bem
Nunca imaginaria que
Em três exposições
Estaria
E que publicaria
Livros de poesia
E que faria um slam
Dentro de um bar
Edição no festival de cinema
E outro dentro de uma livraria
E um título de relevância
Nacional

Como o TASC ganharia
E que falaria poesia
Em oito estaduais
E dois desses
Até venceria
Ou mesmo que colaria
E venceria
Slams presenciais
Nos quatro estados da minha região
Só pra passa a minha visão
Dentro de uma “suposta” competição
Com o foco de honrar
A minha missão
O meu contrato com a arte
Que é fazer com arte
E hoje eu vivo
Como poeta marginal ativo
No estado do Rio de Janeiro
Sendo oficineiro
Do sistema socioeducativo
E dentro das escolas
Falando que meu poder
É a palavra
Pelo Museu Rio Memórias

Foto 24. **Monrá**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Monrá atua na cena da poesia falada há oito anos, representando a Lapa e o estado do Rio de Janeiro. É bicampeão estadual de poesia (RJ e RS) e campeão nacional do TASC BR 2021. Além da poesia, também atua como rapper, escritor, mestre de cerimônia, produtor cultural e arte-educador do Museu Rio Memórias. Sua trajetória é marcada pela construção de eventos culturais independentes e pelo fortalecimento da poesia marginal nas ruas e periferias. Dentro do bairro do Caju, atualmente ocupa o posto de poeta com mais presença nas batalhas do Caju e representante do Slam Caju no Slam RJ no ano de 2022.

TAVARES

SENTIMENTO ACUMULADO

Isso tudo aqui é sentimento acumulado
Porque o livro me livrô de tanta coisa, que cê não tá ligado
Depois que me liguei que eu não era um trocado
Eu já tinha trabalhado várias vezes em busca de um trocado
O papo de controlar o corpo na escola escondeu meu gingado
O que adianta cobrar grito de quem sempre esteve calado?
É que o livro me livrou de tanta coisa, que cê não tá ligado
Já caí algumas vezes no desenrolo de camelô
Na uruguaiana passo, minha mente vira retrô
Perspectiva de pobre que sempre se safô
Quem me quis me colocar no meu lugar
Na verdade me tirou
A ocasião que faz um bom entendedor
Porque balas de borracha não apagam minha dor
Nesse mar de ilusão teve parceiro que se afogou
Mas a letra um dia te salvou
Porque o livro ti livrô de tanta coisa, que cê não tá ligado
Ser campeão na área, mas não abraça o irmão
É escutar racionais e não ter um terço da razão
Várias vezes o meu terço quebrou e foi parar no chão
A inveja mata um, mas não um milhão
Joga venda na retina, mas não perco a visão
Joga venda na retina, mas não perco a visão
Venda minha retina pra tu ter minha visão
Branco vive igual GTA
A gente só vive na rinha
Atropela um preto qualquer na rua
Que o máximo que tu ganha é uma estrelinha
A graça aqui não é portar uma caneta
E sim um paraFAL
Eles investem em quartel, caveirão
PARA FAL TAR água, ventilador e aluno na escola municipal

Sim, sim

Em um Jesus negro vocês vão ter que acreditar

Pois no auto da compadecida que eu vi quão baixo a gente tá

O orgulho cega a nossa paixão

A gente vive num mundo que só celebra um ídolo quando ele
tá a sete palmos do chão

A injustiça não para pra descansar, cria

Essa água na testa toda vez se confunde entre suor e água da
pia

Pia pra somar porque

Juntos somos mais fortes, vê se não esquece

Quer pagar pra ver?

Taca pedra na casa do “maribonde” pra tu ver o que acontece

Porque isso tudo aqui

Foi sentimento acumulado

Porque o livro nos livrô de tanta coisa,

Que cê não tá ligado

Foto 25. Tavares



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Tavares é morador do bairro do Caju, slammer, poeta, mestre de cerimônia, produtor cultural, arte-educador e pesquisador. Graduando em Letras — Francês pela UFRJ, também atua como bolsista do Pibid e foi organizador da primeira edição da FLICCaju — Festival Literário Itinerante do Caju. Campeão do Slam Caju em 2023, tornou-se o primeiro cajuense a chegar à final do Slam RJ. Sua poesia articula território, educação, ancestralidade e linguagem como formas de emancipação e transformação social.

FRANCINI

AS CRÔNICAS DE UM BECO SEM SAÍDA

Pode passar o tempo que for
eu nunca vou entender por que os “menorzin”
Tomam enquadro só pela sua cor-Agem
De expor coisas que o governo não fala, porque eles são opres-
sor
Que falam tanto de educação, mas aí...
Cadê o salário do professor?
Porra, num fode
E quando é que meu transporte vai passar a ser uma Porsche?
E não um trem cheio que se pá nego vai cheirando meu can-
gote
Saindo de casa às 5 pra chegar no trampo às 9
Isso se eu conseguir sair da favela em dia de opera
E nego de fora ainda achar que sou x9
“Aí você sabe o que rola dentro da favela?”
Foi mal, eu nem posso te contar, é que eu vim de lá, então sei
como funciona
“Porra, tá ocultando fatos?”
Não, é que eu tinha manos que trampava com relatos
Isso tudo segurando rádio em esquinas sem asfalto
Hoje em dia estão mortos ou fugiram e vivem como ratos
Mas tem uma coisa que posso te contar
Quando você vive dentro, quase nunca quer sair de lá
E, quando se é de fora, muito raramente vai pisar
Tem uns que vão só pra comprar drogas
Se acham o máximo
Falando que o kunk de lá é o brabo
Mas não tiram 5 minutos pra olhar com outros olhos
Porque, além do tráfico, lá dentro tem pessoas com diplomas,
cursos técnicos e faculdade.

Mas às vezes são aquelas que são muito gente boa e de bom
coração independentemente de sua escolaridade, o que me
importa é a sincronização de respeito mesmo se no caso vo-
cês nem tiverem amizade
mas vai entender que em algum momento é bom ter um dia-
leto
É tipo quebrar a expectativa, tô recitando agora, mas quem
te garante que meu próximo passo não seja mandar um pas-
sinho
Dos cria
Meus cria
Alguns deles não eram envolvidos, mas tavam na esquina, an-
dando com quem não devia
Só querem saber da notícia pra anunciar no jornal, mas não
dão nenhum apoio pra família
Aquela família que,
além de pedir e fazer promessas
Ora pra Deus a livrar todo dia dessa covardia
Vivendo isso tudo, a ansiedade tá em excesso
Pra passar, acendo o baseado na boca do fogão, porque do
meu isqueiro só sai faísca
Esse tá sendo meu tratamento
Mas quantos lá dentro tão precisando tomar seus remédio e
não mandam a ajuda que deveria
É, Michael, eu também concluí que não olham pra gente
Mas nossas histórias são seus entorpecentes
E, quando já estão se saturando, pisam na nossa cabeça igual
fazem com serpentes
Mas é só isso que eu posso te falar que vem de lá
Coisas que quem é de fora não acredita ou leva com espanto,
mas é só o cotidiano.
Ah, vocês ainda tão pensando
Desculpa, às vezes meu pensamento consome e leva há mi-
lhanos
Tipo, por que não melhoram os planos?
Isso é porque vocês passam pano

Pras coisas que acontecem ao seu redor
No mundo todo, tem mais gente passando fome do que visitando museus
Vocês dizem
Arte e cultura: todos têm que ter acesso
Mas por que essa frase não funciona pra um dos meus?
A desigualdade extrema é aterrorizante
As coisas só são lindas quando nós não temos acesso
Mas a gente faz acontecer, nem que eu chame meus manos pra fazer protesto.
Vindo de lá, mesmo não fazendo, sempre aprendi o que é o certo
E o certo
É ter a chance, a fartura e o mérito
de jantar em paz com a nossa família,
Pois, ao contrário do que era pra ser normal,
Ainda tem muita gente que cresce sem ter a oportunidade de comer todos os dias

Foto 26. **Francini**



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Alexsandra Francini é poeta de rua, slammer, escritora e rapper da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Cresceu em contato com o hip-hop e iniciou sua trajetória artística frequentando rodas culturais e batalhas de rima ainda na adolescência. Hoje, atua levando poesia e educação para escolas, saraus e espaços culturais periféricos. É semifinalista do Slam RJ, vice-campeã do Fórum Nacional de Mulheres no Hip-Hop e vencedora do Troféu Slammer na categoria Literatura pela Flisc. Sua arte atravessa denúncia social, cotidiano periférico e acesso à cultura como direito coletivo. Dentro do bairro do Caju ocupa o posto de 4º melhor poeta do ano da Liga Slam Caju em 2025 e vice-campeã da Seletiva Slam Caju - Slam RJ 2025.

JINAKI KETEMA

EDUCAÇÃO CAJUÍNA

Caju, Caju
Terra que foi esquecida
Educação foi subalternizada
Largada às traças, quase sem expectativas

Caju, Caju
Lhe tiraram do mapa
Sobrevive com poucas escolas
Mas nos livros sairemos na capa

Máximo respeito a todas as escolas do Caju
Máximo respeito aos reforços escolares
Máximo respeito aos educadores comunitários
Máximo respeito aos licenciadores exemplares

Nós alçamos voos para novos ares.
Cansados de ouvir quem não nos representa
O índice de educação lá embaixo
A valorização do ensino que se ausenta

Hoje, estamos aqui pra te contrariar
Que container sem manutenção devida não é lugar de gente
estudar
Um bairro com mais de 40 mil pessoas
No mínimo mais escolas é o que o Estado ou o município po-
deria ofertar

Já fizemos muito mais do que as mentiras que eles nos contam
Eu acredito em oficina com educadores comunitários
É legal você ter diploma, mas lecionar a partir das vivências
é revolucionário

E eu não sou a história triste do aluno que muito professor
conta que entrou pro tráfico
Mas eu também sou a história triste do menino que foi abandonado pelo Estado

Já vi professores
falando pra crianças de favela que elas não vão ser nada, vão
ficar estagnadas
Eu já vi os menor da minha sala entrar pro tráfico e o sistema
não fazendo nada, sendo falho

Aliás, faz, mata,
Pois o sistema de educação nesse país é falho
A meritocracia que vendem é uma farsa
Eles não olham os dois lados da moeda

Eu fui pro Geo Caju pra me tornar aluno atleta.
Mas muito obrigado, professora Márcia, pelas aulas de teatro,
hoje eu sou aluno poeta
Olha a ginga desse nego, olha só como ele versa
O Caju vai ter tanta poesia e livros feitos por nós, cajuenses,
que vamos lotar as bibliotecas

Eu sou cria do Ciep, que hoje em dia é muito criticado
Salve Leonel Brizola, eles não querem manter o seu legado
Eu fiz gol de letra quando passei pra faculdade
Mas lá eles não ensinam coisas que eu aprendo no meu bairro

Se a educação sozinha não transforma a sociedade
Sem ela tampouco a sociedade muda, Paulo Freire já dizia
Uma das ferramentas de mudança é a poesia
O poeta já dizia

E meu sonho de vida nem sempre foi ser professor
Eu quero mover o mundo através da educação
Tentar ajudar o máximo de pessoas

Ser ponto de luz brilhante no meio da multidão
Ser um cajueiro
Fazendo crescer folhas, galhos, raízes e pseudofrutos espalhados por esse Caju inteiro

Arte e educação se completam, se entendem
Leia sobre eles pra entender como eles agem
Leia os nossos para fortalecer a sua mente
A educação liberta, salva e firma nosso legado
E papo reto, poeta Tavares

“O livro nos livra de tanta coisa, que eles não tão ligado”

Foto 27. **Jinaki Ketema**



Fonte: Acervo pessoal
(sem data).

Jinaki Ketema (ele/elu/ela) é pessoa não binária, produtor cultural, pesquisador e um dos principais articuladores da cena literária do bairro do Caju. Graduanda em Artes Visuais pela UERJ, atua na coordenação e produção do Coletivo Slam Caju, desenvolvendo projetos voltados para poesia, educação, memória e fortalecimento territorial. Também integrou o projeto “Rio de Escritores”, recebendo certificação na Academia Brasileira de Letras pelo livro *Cajuense: raiz, corpo e fruto*. Acredita na poesia como ferramenta de conexão entre mundos, ancestralidade e transformação social.

CAJU NO MAPA



Durante muito tempo, o bairro do Caju foi lembrado apenas pelos estigmas que tentaram construir sobre ele. Quando o nome do território aparecia nos debates ou nas mídias, quase sempre vinha acompanhado de imagens ligadas à violência, ao abandono, ao cemitério ou à marginalização histórica. Poucas pessoas falavam sobre arte, poucas falavam sobre cultura e menos ainda sobre os artistas que pulsam vivos dentro do bairro. O Slam Caju começou a disputar essa narrativa. Uma das maiores transformações promovidas pelo coletivo foi justamente fazer o nome do Caju circular pela cidade através da poesia, da arte e da ocupação cultural. A cada convite aceito, a cada intervenção realizada e

a cada espaço ocupado, o grupo carregava muito mais do que apresentações artísticas; carregava o próprio território. Sair do bairro nunca significou abandonar o Caju, mas sim levá-lo junto.

As ocupações culturais realizadas pelo Slam Caju começaram a construir uma ponte sólida entre a comunidade e outros pontos do Rio de Janeiro. Museus, centros culturais, instituições, escolas, ruas e eventos passaram a receber não apenas artistas individuais, mas a energia coletiva gestada dentro do bairro. O Caju começou a se movimentar em lugares onde historicamente quase nunca esteve representado, produzindo uma mudança simbólica muito forte. Cada intervenção dizia, de maneira silenciosa, que os corpos periféricos também pertencem a esses espaços. Mais do que apenas participar de eventos, o Slam Caju passou a ocupar culturalmente a cidade através da palavra falada, da performance, da música, da presença preta e periférica e da construção coletiva de memória. A poesia atravessou muros, e o território atravessou junto.

Um marco importante nessa trajetória foi a ocupação do Museu de Arte do Rio (MAR). Levar a poesia do Caju para dentro de um dos principais espaços culturais da cidade significava muito mais do que realizar uma apresentação convencional; era uma afirmação simbólica de presença. O Slam Caju chegou ao museu carregando suas vozes, suas estéticas, seus corpos e suas vivências periféricas. A intervenção transformou o ambiente temporariamente, aproximando a arte institucional da oralidade produzida nas ruas, mostrando que a favela também formula linguagem artística contemporânea, memória cultural e pensamento crítico.

Foto 28. Tavares e Renê, intervenção poética MAR – Fenix



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Quando o coletivo ocupou o Museu do Amanhã, a sensação foi a de atravessar mundos diferentes sem deixar de ser a própria essência. A presença do grupo ali carregava um contraste simbólico e poderoso: jovens da periferia debatendo sobre o amanhã, através da poesia, dentro de um dos maiores símbolos futuristas da cidade. Essa travessia se materializou nas vozes de Tavares e Jinaki, que representaram o Coletivo Slam Caju a convite do poeta e produtor cultural Magrão. O momento fez parte do “DECOLA CRIA”, um projeto encabeçado pela rede GOYN, que transformou o museu em uma verdadeira roda de poesia, reunindo muita poesia e diversos outros artistas convidados. A energia do evento foi arrebatadora, e a recepção do público provou que a arte gestada na rua tem, sim, o seu lugar garantido nos grandes equipamentos culturais da cidade.

Foto 29. **Jinaki Ketema, intervenção poética no Museu do Amanhã**



Fonte: Bel Junqueira (sem data).

A passagem pelo Instituto Pretos Novos (IPN) e pela Biblioteca Pretos Novos, no coração da região histórica da Pequena África, talvez tenha sido uma das experiências mais densas, emocionantes e atravessadas pela memória ancestral em toda a história do grupo. O espaço, que carrega as cicatrizes profundas da escravidão e da violência colonial no centro do Rio de Janeiro, transformou-se no cenário de um encontro visceral entre poesia, território e resistência.

No dia 23 de agosto, durante um sarau em homenagem ao Dia da Mulher Negra, a força do Slam Caju tomou forma, corpo e voz através de três poetisas negras do coletivo: **Fênix, Katiaa Dami e Solar**. A convite da instituição, elas protagonizaram uma intervenção poética monumental. Naquele chão, cada palavra declamada rasgava o ar carregando um peso diferente, um eco de séculos.

Para o Slam Caju, ocupar a Pequena África e os espaços museológicos do centro da cidade significou uma imensa realização. Mais do que uma simples apresentação, foi um marco de validação: a prova viva de que a arte produzida no bairro reverbera além de suas fronteiras, fortalecendo o reconhecimento da cultura local e garantindo que o Caju seja visto, ouvido e eternizado nos espaços de memória mais importantes do Rio de Janeiro.

Foto 30. **Fenix, Katiaa Dami e Solar, intervenção poética no IPN**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Com o passar dos anos, o Slam Caju expandiu sua circulação por diferentes centros culturais, escolas, eventos independentes, encontros periféricos e batalhas de poesia espalhadas

por todo o Rio de Janeiro. Cada convite recebido representava reconhecimento, mas também uma imensa responsabilidade, pois o coletivo entendia que não representava apenas a si mesmo. Ele carregava o nome do bairro para lugares onde muitas vezes o território nunca havia sido escutado de verdade.

Aos poucos, esse movimento contínuo gerou frutos. O nome “Caju” passou a circular na cena de poesia falada carioca não apenas como uma localização geográfica, mas como uma referência de potência artística, coletividade e resistência. Esta tem sido uma das maiores vitórias do Slam Caju até aqui: transformar a presença cultural em uma ferramenta de reconstrução simbólica do território. Toda vez que o coletivo ocupava um novo espaço, o bairro inteiro atravessava junto e, passo a passo, aquilo que durante anos tentaram manter invisível começou, finalmente, a ser visto.

Foto 31. Jinaki, Dave e Solar, intervenção poética no CTAV



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

O NOVO CIRCUITO

QUANDO O SLAM CAJU
TRANSFORMOU SUA METODOLOGIA



Com o passar dos anos, o Slam Caju percebeu que não bastava apenas existir como uma batalha de poesia isolada. O crescimento orgânico do coletivo exigia novas formas de organização, continuidade e construção de território.

rio, tornando inviável depender exclusivamente do improviso ou de encontros esporádicos. Era preciso pensar em permanência. Foi exatamente desse cenário que nasceu o novo circuito do Slam Caju. Mais do que reformular o formato das batalhas, o coletivo começou a desenvolver uma metodologia própria de funcionamento cultural periférico, uma engrenagem capaz de articular poesia, formação, juventude, território e coletividade dentro de uma mesma estrutura viva. O que antes se configurava como uma sequência de eventos começou a se transformar em um circuito estruturado que significasse continuidade.

A criação da Liga Slam Caju, das seletivas e da Copa Imperial marcou um novo momento na trajetória do grupo não apenas pelo amadurecimento na organização das competições, mas porque ali o Slam Caju entendeu que estava produzindo uma autêntica tecnologia cultural periférica. Essa tecnologia é moldada por elementos fundamentais: afeto, gestão coletiva, improviso, articulação comunitária, oralidade, formação, ocupação de território e permanência. O novo circuito não nasceu para copiar modelos prontos, ele nasceu da necessidade real e das urgências do próprio território. Historicamente, o Slam Caju funcionava no formato tradicional da cena, composto por algumas etapas classificatórias e uma grande final anual. Contudo, o coletivo notou que esse modelo já não dava conta da energia pulsante que estava sendo construída nas ruas. Os poetas queriam continuidade, o público desejava acompanhar trajetórias, o bairro buscava pertencimento, e o próprio coletivo sentia a necessidade de criar uma memória competitiva forte dentro da cena carioca.

Foto 32. Neek - Cerimônia de premiação Caju Dourado 2025



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foi então que veio a virada metodológica: o Slam Caju adotou o formato de Liga de pontos corridos, trazendo um modelo inspirado tanto na dinâmica do esporte quanto na lógica de constância cultural das periferias. A partir dali, cada edição passou a carregar pontuações, confrontos diretos e o desenvolvimento de uma narrativa contínua entre os poetas. Já não se tratava mais apenas de “ganhar uma noite”, mas sim de construir uma trajetória sustentada na caminhada. Essa mudança transformou por completo a atmosfera das batalhas. Os poetas começaram a alimentar rivalidades saudáveis, traçar estratégias de escrita, evoluir em suas performances e estreitar conexões com a comunidade. Quem colava para acompanhar o circuito já não assistia a uma apresentação solta, testemunhava histórias sendo escritas ao vivo. O slam virou acompanhamento coletivo, virou temporada e campeonato de palavra.

Como expansão natural dessa nova fase, surgiu a Copa Slam Caju Imperial. Se a Liga representava a regularidade da constância, a Copa carregava a intensidade máxima do confron-

to. Era o momento exato em que diferentes vozes, estilos e trajetórias se cruzavam em um clima de disputa acirrada, coletividade mútua e intercâmbio cultural, consolidando definitivamente o nome do coletivo na cena de poesia falada fluminense.

Foto 33. **Bandeira Revolução Cultural Cajuense**

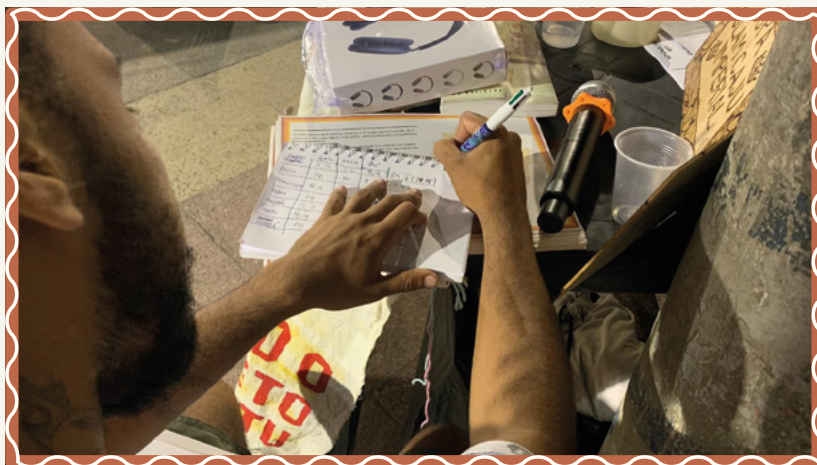


Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Ainda assim, o coletivo sempre teve clareza de que o circuito nunca teve a competição como fim. A disputa era apenas ingrediente; o verdadeiro objetivo sempre foi movimentar as pessoas, gerando encontros, convivência e pertencimento a cada nova seletiva. Ao longo dessa jornada, o grupo percebeu algo ainda maior: eles estavam criando um modelo replicável. As oficinas nas escolas, as intervenções em pré-vestibulares, os saraus, os mutirões de plantio e as ações comunitárias passaram a funcionar como uma metodologia integrada, gerada de dentro para dentro da favela, inteiramente baseada na escuta atenta.

Compreendeu-se que colocar o Caju no mapa não significava apenas fazer o bairro ser visto lá fora, mas principalmente fortalecer quem já residia nele. Por isso, as ações do Slam Caju transcendem o entretenimento, focando a produção de autoestima, senso crítico, pertencimento, memória, articulação, acolhimento e reais possibilidades de futuro. As oficinas, por exemplo, não nasceram para focar apenas uma métrica ou técnica poética, mas para abrir um espaço seguro de expressão. Muitas vezes, jovens que nunca haviam experimentado a sensação de serem ouvidos encontraram na poesia a primeira chance real de organizar seus sentimentos, suas dores e suas revoltas em palavras. Diante disso, a batalha virou ferramenta pedagógica, a poesia assume o papel de instrumento político, e a arte se consolidou como ponte entre a juventude e o seu território.

Foto 34. **Mesa do matemático – Copa Slam Caju Imperial 2025**



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foto 35. Jotai 3ª edição 2024 Slam Caju



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Esta é, talvez, uma das maiores subversões promovidas pelo Slam Caju: provar que a favela também formula metodologia. Durante muito tempo, os territórios periféricos foram rotulados apenas como depósitos ou receptores de projetos e pacotes culturais externos. O Slam Caju inverte totalmente essa lógica colonial ao criar seus próprios formatos, suas próprias estratégias de gestão, suas pedagogias de rua e suas

formas autênticas de articulação, tudo construído a partir da experiência prática e do chão batido da praça, da escola e do improviso. O novo circuito nasce dessa consciência madura. Mais do que organizar poesia falada, o Slam Caju passou a organizar a permanência cultural. É exatamente isso que transforma o coletivo em uma referência viva para outros jovens e movimentos. Ao documentar e aplicar seus processos, erros, acertos e metodologias, o Slam Caju deixa de contar apenas a sua própria história e passa a abrir caminhos estruturados para que outras favelas possam imaginar, projetar e erguer suas próprias revoluções culturais.

Desde o primeiro dia, o coletivo repete uma frase que funciona quase como um mantra sagrado: “Colocar o Caju no mapa”. O tempo e a prática mostraram que esse grito nunca teve a ver com demarcação ou localização geográfica, mas falava sobre dignidade, resgate de memória, pertencimento e disputa de narrativa. Falava sobre obrigar a cidade a reconhecer o território pela riqueza e pela potência que ele produz. A Liga, a Copa Imperial e o novo circuito materializam essa transição definitiva: o exato momento em que o Slam Caju deixa de ser apenas um acontecimento cultural efêmero para assumir, de fato, seu papel como um movimento de transformação territorial imbatível, provando que o circuito nunca teve relação apenas com poesia, mas sim com a construção de um futuro coletivo através do poder da palavra.

TUM TÁ TÁ TUM TUM TUM TÁ



*“Eu sou cria da fruta, poesia eu tenho a manha!
Slam Castanha!”*

Slam Castanha

Com o passar dos anos, o Slam Caju começou a perceber uma contradição difícil de ignorar. A batalha crescia, recebia poetas de diferentes lugares da cidade, fortalecia seu nome dentro da cena de poesia falada do Rio de Janeiro e ocupava cada vez mais espaços culturais, mas, ao olhar para dentro do próprio bairro, surgia uma pergunta incômoda: onde estavam os poetas do Caju?

Desde 2020, mais de 85 poetas passaram pelo microfone do Slam Caju. No entanto, mais de 90% desses artistas vinham de fora do território. O dado parecia pequeno à primeira vista, mas dizia muita coisa. Mostrava que a batalha conseguia atrair pessoas de diversos lugares, contudo também revelava uma ausência profunda dentro da própria comunidade. O bairro recebia poesia, no entanto ainda não produzia poetas locais na mesma proporção. Em média, apenas um ou dois jovens do próprio Caju começavam a recitar por ano. Isso fez o coletivo entender algo importante: criar uma batalha não era suficiente. Era necessário criar base.

A questão nunca foi falta de potência. O Caju sempre produziu linguagem, memória, criatividade, humor, música e sobrevivência. A dificuldade estava em algo muito mais profundo: pertencimento. Durante muito tempo, a arte foi apresentada para a juventude periférica como algo distante, inacessível ou reservado para outras pessoas. Muitos jovens do bairro sequer se enxergavam como capazes de escrever poesia, principalmente porque cresceram ouvindo que suas vivências não eram importantes, inteligentes ou dignas de serem escutadas. O problema não era ausência de voz; era a ausência de espaço para perceber que aquela voz tinha valor. Foi dessa inquietação que nasceu o Slam Castanha.

Foto 36. **Jinaki e a oficina nossos Caiuí, antigo Slam Castanha 2024 – Parceria com E. M. Frankel**



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Antes mesmo de o projeto existir oficialmente, o Slam Caju já realizava oficinas de poesia nas escolas do território. Aos poucos, o coletivo percebeu que aquelas experiências despertavam algo diferente nos jovens. Muitos estudantes que nunca tinham escrito começavam a experimentar a palavra pela primeira vez, descobrindo que suas próprias histórias poderiam virar poesia. As primeiras oficinas receberam o nome de “Oficina Nossos Caiuí”, utilizando a palavra “caiuí”, que em tupi remete aos pequenos caju, quase como sementes do próprio território. O nome carregava beleza, mas o coletivo sentia que ainda faltava alguma coisa. Era preciso pensar maior. Não bastava apenas realizar oficinas isoladas; era necessário construir um movimento contínuo de formação poética dentro do bairro.

Naquele momento, o Slam Caju começou a compreender que nenhum território constrói uma cena cultural forte sem formar sua própria base. O coletivo já trazia poetas de fora para dentro do bairro há anos, mas agora surgia uma necessidade urgente de fazer a poesia circular logo cedo entre as

próprias crianças e juventudes do Caju. Era preciso criar pertencimento cultural. Era preciso fazer com que os jovens do bairro entendessem que a poesia também pertencia a eles. A ideia de um intercolegial de poesia já existia em diferentes partes do Brasil, e o Slam Caju decidiu beber dessa fonte para criar sua própria versão dentro do território. Assim nasceu o Slam Castanha: um projeto voltado para escolas do Caju, focado sobretudo no segundo segmento do ensino fundamental, funcionando simultaneamente como oficina de poesia falada, formação cultural e espaço de escuta coletiva. O nome não surgiu por acaso. Se o Slam Caju já representava a árvore crescida, o Slam Castanha simbolizava aquilo que ainda precisava germinar. A castanha é a continuação do fruto. Ela carrega o futuro dentro de si.

Foto 37. **Jinaki – Slam Castanha 2025**



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em 2025, o projeto começou a ganhar forma concreta dentro das escolas do bairro. A primeira unidade a receber oficialmente uma batalha do Slam Castanha foi a Escola Mascarenhas de Moraes, durante uma festa junina. Tudo aconteceu de forma rápida, improvisada e intensa, exatamente como tantas outras ações culturais periféricas costumam nascer. A batalha aconteceu em duplas e, mesmo simples, revelou algo

importante: os jovens queriam participar. Antes mesmo das apresentações, o coletivo já circulava constantemente pelas escolas divulgando oficinas, ações e projetos culturais, tentando mostrar aos estudantes que existia potência artística dentro do próprio território e que eles também podiam ocupar esses espaços. Mas foi no GEO Caju – Escola Municipal Félix Mielli Venerando que o Slam Castanha começou a criar raízes mais profundas. A escola, conhecida pelo foco esportivo, abriu espaço para que a oficina acontecesse como uma eletiva dentro do horário escolar. O Slam Caju apresentou a proposta pedagógica para direção e professores, explicando que o objetivo não era apenas ensinar poesia falada, mas construir ferramentas de expressão coletiva através da palavra.

O coletivo sempre manteve uma relação muito próxima das escolas do território. Muitos integrantes transitavam entre universidade, educação popular e movimentos culturais, fazendo com que o diálogo com professores e diretores acontecesse de maneira natural. Ainda assim, o Slam Castanha nunca quis reproduzir uma lógica acadêmica tradicional. O grupo entendia que poesia não se ensina completamente. O que pode ser compartilhado são caminhos, técnicas, referências, movimentos e possibilidades. A verdadeira poesia nasce da vivência.

Foto 38. Estudantes Guilhermy e João Pedro, apresentação final do Slam Castanha 2025



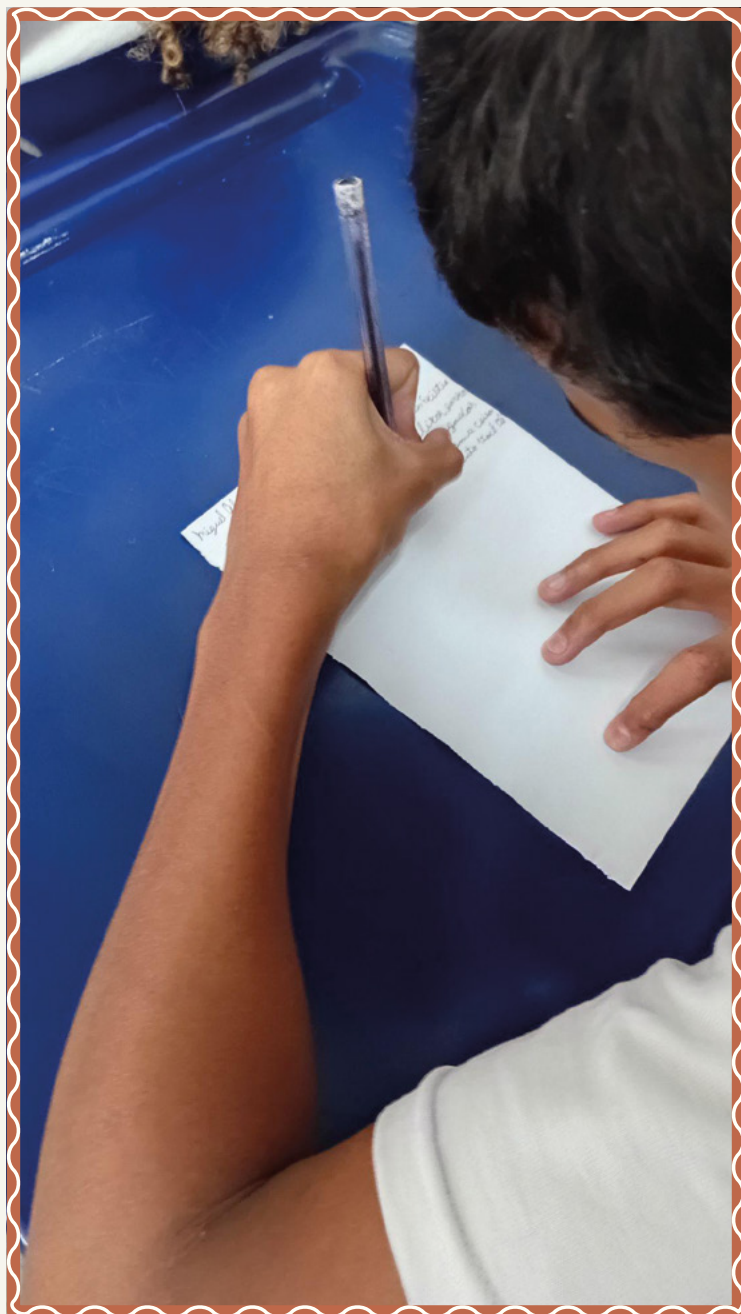
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Durante aquele ano, os estudantes trabalharam em cima de quatro grandes temas: arte e cultura, educação, racismo ambiental e vivência. As oficinas não se limitaram à escrita. Os jovens precisavam pensar identidade visual, símbolos, organização, bandeiras, coletividade e construção cultural. Aos poucos, deixavam de ser apenas alunos assistindo a uma oficina para se tornarem sujeitos ativos da própria criação. O resultado final foi a construção de um slam produzido pelos próprios estudantes, voltado para o combate à violência através do amor. Mais do que uma atividade escolar, aquilo se transformou em uma experiência de pertencimento coletivo.

Na culminância do projeto, o auditório da escola recebeu uma batalha de poesia organizada pelos alunos do nono ano. E o mais importante: todos participaram de alguma maneira.

ra. O Slam Castanha entendia que a poesia falada não acontece apenas no microfone, ela também vive na escuta, na organização e no acolhimento. Por isso, os jovens foram divididos entre jurados, DJs, apresentadores, público e poetas. Alguns recitaram. Outros assistiram. Mas todos faziam parte da construção. Naquele dia, apenas dois estudantes apresentaram poemas. Pode parecer pouco para quem olha de fora, mas, dentro do território, aquilo significava muito. Porque subir em um palco, olhar para uma plateia e transformar a própria vivência em palavra exige coragem. E talvez o mais importante não estivesse apenas em quem recitou, e sim em quem assistiu. Muitos jovens enxergaram pela primeira vez alguém parecido consigo ocupando o microfone. Isso muda alguma coisa dentro das pessoas.

Foto 39 —



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

As oficinas também ajudaram a romper um estigma antigo: a ideia de que educação é algo distante da realidade periférica. Quando a arte entra na escola através da própria comunidade, o conhecimento deixa de parecer inacessível. As crianças começam a perceber que pensar, escrever, criar e falar também fazem parte de quem elas são. Aos poucos, deixam de se enxergar apenas como estudantes e passam a se reconhecer como sujeitos criativos, inteligentes e produtores de cultura. Talvez seja exatamente aí que mora a maior importância do Slam Castanha. O projeto nasce para plantar sementes dentro do próprio bairro. Não apenas sementes de poesia, mas sementes de autoestima, pertencimento e permanência cultural. O Slam Castanha existe porque o Slam Caju entendeu que não fazia sentido um bairro produzir uma batalha de poesia tão forte sem formar seus próprios poetas. Era preciso garantir que, no futuro, o território também pudesse ocupar campeonatos estaduais, nacionais, latino-americanos e mundiais através de vozes nascidas dentro do próprio Caju. Era preciso imaginar mães dizendo com orgulho que seus filhos representavam o bairro através da poesia. Era preciso devolver ao território a capacidade de se reconhecer de maneira artística, e o Slam Castanha nasce justamente para isto: para que o Caju não precise esperar artistas chegarem de fora para se reconhecer poeticamente.

O FUTURO CAJUÉTICO



Falar sobre futuro dentro da favela sempre foi um exercício delicado. Talvez porque a periferia aprendeu, desde cedo, a sobreviver antes mesmo de conseguir planejar. Ainda assim, o Slam Caju escolheu ser otimista mesmo quando o território parece empurrar os sonhos para longe. E talvez a maior dificuldade esteja justamente aí: às vezes o próprio coletivo esquece quanto já construiu. Quando o Slam Caju

começou a ocupar as ruas, o bairro passou a ser enxergado de outra forma. Não apenas como morador, trabalhador ou alguém que atravessa diariamente o território, mas através do olhar de quem produz cultura. E esse olhar revela feridas muito profundas. O Caju carece de espaços culturais permanentes. Os poucos espaços institucionais existentes geralmente funcionam de segunda a sexta, ligados a fundações e organizações que possuem seus próprios limites de atuação. Quase nenhum deles nasce da mesma urgência comunitária que move o Slam Caju. Foi exatamente por isso que o coletivo entendeu que precisava construir suas próprias formas de permanência.

O grande desejo do Slam Caju nunca foi existir sozinho. Pelo contrário: o sonho sempre foi que o bairro produzisse muitos outros movimentos culturais, outras batalhas de poesia falada, outros coletivos, outros artistas, outros saraus e outros espaços de encontro. O coletivo não quer ser exceção; quer virar multiplicação. O futuro imaginado pelo Slam Caju é um bairro onde existam diversos poetas moradores do território circulando pelo Rio de Janeiro, pelo Brasil e pelo mundo, levando o nome do Caju junto com suas palavras. Poetas que falem sobre a importância histórica do bairro, sobre a cultura que pulsa dentro das vielas, sobre os trabalhadores, sobre as memórias pretas, sobre os afetos periféricos e sobre a potência artística que sempre existiu ali, mesmo quando ninguém queria enxergar. Porque o Caju nunca foi vazio, o que existiu foi silêncio imposto. Ao longo dos anos, o coletivo começou a perceber que tudo o que fazia carregava um mesmo propósito: colocar o Caju no mapa. Mas, com o tempo, essa frase começou a ganhar outras camadas. Afinal, em qual mapa o Caju está hoje? Em qual mapa ele já esteve? Em qual mapa ele precisará estar amanhã? E daqui a dez anos? O que acontecerá com o território quando e se o próprio Slam Caju um dia deixar de existir? Essa pergunta nunca teve resposta definitiva, talvez porque o futuro sempre seja disputa — e o pre-

sente também. O Slam Caju é formado majoritariamente por pessoas negras, periféricas, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, corpos historicamente atravessados pela violência, pelo apagamento e pela ausência de oportunidades. Não existe garantia nenhuma sobre o amanhã. A favela ensina isso o tempo inteiro, mas existe uma certeza que permanece: a semente foi plantada, a planta foi regada, a raiz foi cultivada e o cajueiro cresceu. E agora já não depende apenas de uma única mão.

O grande sonho do coletivo é que o bairro continue produzindo cultura mesmo sem depender exclusivamente do Slam Caju. Que outros moradores criem projetos. Que novos coletivos apareçam. Que artistas locais se fortaleçam. Que escolas continuem dialogando com a poesia. Que as crianças cresçam entendendo que arte, educação e cultura também pertencem a elas. Porque o futuro do Caju não pode ser construído apenas através da ausência ou da sobrevivência. Ele precisa ser construído através de conhecimento, pertencimento, educação comunitária, memória e continuidade cultural. O coletivo entende que existe uma estética cajuense sendo criada todos os dias. Uma estética feita de oralidade, improviso, funk, poesia, samba, território, gíria, afeto, resistência e coletividade. E essa identidade precisa continuar viva independentemente de quem esteja organizando os eventos.

O futuro do Caju depende de rede.

Depende de moradores. Depende de escolas. Depende de coletivos. Depende de conexões. Depende das crianças. Depende da permanência.

E existe ainda uma pergunta maior atravessando tudo isso.

Muitas pessoas da favela são descendentes de pessoas que foram escravizadas, pessoas que não tiveram oportunidades. Corpos que tiveram o futuro arrancado violentamente ao longo da história do Brasil. Então qual é o futuro que nós estamos

construindo agora? E, mais importante ainda: de que forma nós podemos nos tornar referência ancestral para quem virá depois ? Talvez o Slam Caju nunca tenha tido relação apenas com poesia, talvez sempre tenha tido a ver com permanência, rastros deixados, construção de memória antes que tentem apagá-la de novo, porque, no fim das contas, colocar o Caju no mapa nunca foi apenas fazer o bairro aparecer. Sempre foi garantir que as próximas gerações possam olhar para o território e reconhecer ali um lugar possível de existir, sonhar, criar e permanecer vivo. E talvez seja exatamente isto que a poesia faz: ela impede o desaparecimento.

***Eu sou daqui, tenho muito amor, cria do Caju
favela-bairro***

***Lá vem, lá vem, com as poesias, arte, educação,
levando alegria***

***Slam Caju, Slam Caju, quem te ensinou a
movimentar? Foi o chão deste bairro, poesia
falada.***

CAPÍTULO 10

ARQUIVO VISUAL

As imagens a seguir também contam a história do Caju. Entre fotografias, cartazes, intervenções e artes gráficas, permanecem registros de encontros, afetos e movimentações construídas ao longo da trajetória do coletivo.

Foto 40. **Naju – Slam Caju 1ª edição 2025**



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foto 41. Josi de Paula e Amanda Trovão



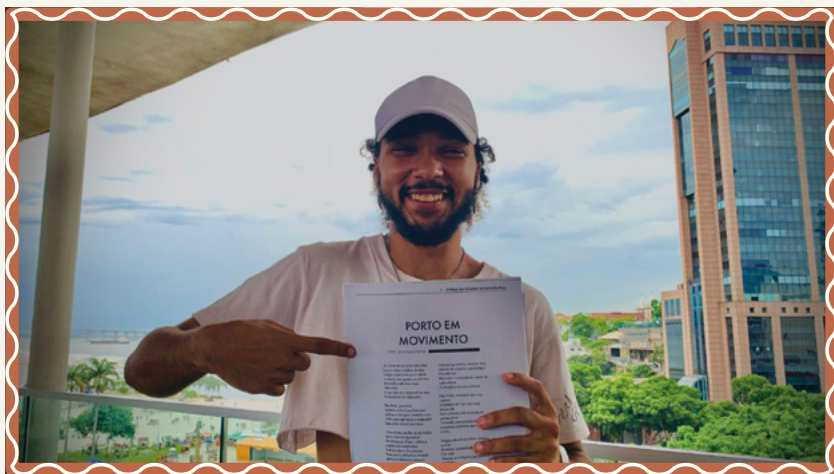
Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 42. Coletivo Recebimento Moção na Casa dos Vereadores 2025



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foto 43. **Jinaki** – Apresentação Slam Caju no lançamento do *Jornal dos Vizinhos*



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 44. **Tavares e Renê Abreu** – Apresentação Slam Caju no lançamento do *Jornal dos Vizinhos*

Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 45. **4ª edição Slam Caju 2024**



Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 46. 4ª edição Slam Caju 2024 Fonte: Comunicação FGL (2024).



Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 47. 4ª edição Slam Caju 2024



Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 48. 4ª edição Slam Caju 2023 – Roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Foto 49. 3ª edição Slam Caju 2024

Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 50. 3ª edição Slam Caju 2024



Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 51. **Edição Duplas Slam Caju 2024**, poetas 4Ó e Ralph Duccini



Fonte: Comunicação FGL (2024).

Foto 52. **Revolução Cultural Cajuense 3 – Slam, conquista e memória**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 53. **Renê Abreu representando o Slam Caju no Slam RJ 2024**



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Foto 54. **Edição feat Slam Verso em quadra em parceria com a academia Kobra Thai 2025**



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foto 55. **Sarau Patrick Pachola Slam Caju 2022, artistas locais Ygby e convidados**



Fonte: Comunicação FGL (2022).

Foto 56. **plantio de pé de caju-anão**



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Foto 57. **Slam Caju edição 2023**



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Foto 58. **Coletivo Recebimento Moção na Casa dos Vereadores 2025**



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Foto 59. **Revolução Cultural Cajuense 3 – Slam, conquista e memória**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 60. **Revolução Cultural Cajuense 3 – Slam, conquista e memória**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 61. **Revolução Cultural Cajuense 1**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

Foto 62. **1º plantio de caju-anão na ladeira**



Fonte: Acervo pessoal (sem data).

slam
caju

